

RA

REVISTA
ADVENTISTA



AI

5

**HISTÓRIA
DA IGREJA**

“Algum tempo
antes do nascer
do dia”

31

**JORNADAS
DE FÉ**

Pedro
Fernandes

37

**CRESCER
NA GRAÇA**

Uma
história real

Inteligência Artificial e Fé

PUBLICADORA SERVIR
JANEIRO 2024
N. 920 | ANO 85



"Eis que cedo venho." A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-LO melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

DIRETOR **José Lagoa**

DIRETORA DE REDAÇÃO **Lara Figueiredo**

COORDENADOR EDITORIAL **Paulo Lima**

E-MAIL **revista.adventista@pservir.pt**

COLABORADORES DE REDAÇÃO **Manuel Ferro**

DESIGN GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO **Joana Areosa**

ILUSTRAÇÕES DA REVISTA © **Adobe Stock**

PROPRIETÁRIA E EDITORA **PUBLICADORA SERVIR, S. A.**

DIRETOR-GERAL **António Carvalho**

SEDE E ADMINISTRAÇÃO **Rua da Serra, 1 – Sabugo
2715-398 Almagem do Bispo | 21 962 62 00**

CONTROLO DE ASSINANTES
assinaturas@pservir.pt | 21 962 62 19

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

**Cafilesa – Soluções Gráficas, Lda.
Venda do Pinheiro**

TIRAGEM **4900 exemplares**

DEPÓSITO LEGAL **Nº 1834/83**

ISENTO DE INSCRIÇÃO NA ERC
DR 8/99 ARTº 12º Nº 1A ISSN 1646-1886

São bem-vindos todos os manuscritos, solicitados ou não, cujo conteúdo esteja de acordo com a orientação editorial da revista. Todos os artigos devem incluir o nome e a morada do autor bem como o contacto telefónico. Não se devolvem originais, mesmo não publicados.

Não é permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta revista, ou a sua cópia transmitida, transcrita, armazenada num sistema de recuperação, ou traduzida para qualquer linguagem humana ou de computador, sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico, manual, fotocópia ou outro, ou divulgado a terceiros, sem autorização prévia por escrito dos editores.

janeiro

D	S	T	Q	Q	S	S
31	1	2	3	4	5	6
7	[8]	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	[22]	23	24	25	26	27
28	[29]	30	31	1	2	3

DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

6 CULTO NACIONAL

6-13 SEMANA DE REAVIVAMENTO

13 VIGÍLIA NACIONAL DE ORAÇÃO

14 FORMAÇÃO DE DEPARTAMENTOS

20 e 21 ENCONTROS REGIONAIS DE DIRIGENTES JA

29 VIGÍLIA NACIONAL DE ORAÇÃO (ZOOM)

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

8-12 DEZ DIAS DE ORAÇÃO (EUD)

15-19 ASSOCIAÇÃO DO SUL DE FRANÇA (FBU)

22-26 UNIÃO BÚLGARA (BGU)

[FH] FÉ DOS HOMENS

[8] SEGUNDA-FEIRA

[22] SEGUNDA-FEIRA

[29] SEGUNDA-FEIRA

fevereiro

D	S	T	Q	Q	S	S
28	29	30	31	1	2	3
4	[5]	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
[25]	[26]	27	28	29	1	2

DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

2-4 FORMAÇÃO SAL

9-13 GERAÇÃO ADVENTISTA EM MISSÃO (GAM)

16-18 ENCONTRO NACIONAL DE DELEGADOS DA ADRA

23-25 ENCONTRO NACIONAL DE SECRETÁRIOS

24 COLÓQUIO DE MORDOMIA – RECENTRO A

26 VIGÍLIA NACIONAL DE ORAÇÃO (ZOOM)

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

29/1-2/2 ASSOCIAÇÃO DA MOLDOVA (ROU)

5-9 ASSOCIAÇÃO BÁVARA (SGU)

12-16 CASA PUBLICADORA EDI-ZIONI ADV (ITU)

19-23 UNIÃO FRANCO-BELGA (FBU)

[FH] FÉ DOS HOMENS

[5] SEGUNDA-FEIRA

[26] SEGUNDA-FEIRA

[C] CAMINHOS

[25] DOMINGO

[FH] RTP2 ENTRE AS **15:00** E AS **15:30** | **ANTENA 1** A PARTIR DAS **22:47**

[C] RTP2 ENTRE AS **17:00** E AS **17:30** | **ANTENA 1** A PARTIR DAS **06:00**

ESTES HORÁRIOS DE EMISSÃO PODEM SER ALTERADOS PELA RTP2 SEM AVISO PRÉVIO.

Índice

04

EDITORIAL

Uma jornada de consagração

05

HISTÓRIA DA IGREJA

“Algum tempo antes do nascer do dia”

Aprenda com a experiência devocional de Ellen G. White.

12

ATUALIDADE

O Impacto da Inteligência Artificial na fé, na religião e no livre-arbítrio

Um dos grandes desafios contemporâneos visto de uma perspectiva Adventista.

18

MISSÃO GLOBAL, AÇÃO LOCAL

De interessado a discípulo

Novas perspectivas sobre a estratégia missionária da igreja local.

23

GRAVADO NA PEDRA

Os prismas cuneiformes do rei assírio Senaqueribe e a tentativa frustrada de conquistar Jerusalém

A confirmação arqueológica de um importante acontecimento da história de Jerusalém.

28

OLHA O QUE EU VI

A caminhar

Uma reflexão sobre os nossos projetos para o novo ano.

31

JORNADAS DE FÉ

Pedro Fernandes

Conheça a história inspiradora do fundador da igreja Adventista do Sétimo Dia de Espinho.

37

CRESCER NA GRAÇA

Uma história real
Comece o caminho de descoberta da graça de Deus.

43

ESPÍRITO DE PROFECIA

150 anos de Adventismo oficial na Europa: John N. Andrews

O desenvolvimento da obra Adventista no Velho Continente.

45

HERÓIS DA BÍBLIA

Rute

Descobre mais sobre Rute, a bisavó do rei David.

48

NOTÍCIAS NACIONAIS





EDITORIAL

Pr. José Lagoa

Presidente da UPASD

Uma jornada de consagração

Este mês, inauguramos uma emocionante fase da nossa Revista, com a introdução de novas rubricas, cada uma projetada para enriquecer e diversificar a sua experiência de leitura. Desde relatos impactantes até análises teológicas, queremos proporcionar uma experiência que ressoe com a diversidade da nossa congregação.

“Respondeu Jesus: Ame o Senhor, o seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todo o seu entendimento.”¹ Este versículo essencial é um chamado à integridade na nossa relação com Deus. “Jesus cita o conhecido *Shemá* de Deut. 6:5.”² Cristo convida-nos a amarmos Deus com todo o nosso ser, não apenas com parte do coração, da alma ou do entendimento. A consagração é uma resposta amorosa a esse convite, um compromisso total com o nosso Deus e Salvador.

A oração torna-se não apenas numa lista de pedidos, mas num diálogo íntimo e confiante com Deus. “Se tiverdes voz e tempo para orar, Deus terá tempo e voz para responder.”³ “A bênção de Deus repousará sobre todo aquele que faz inteira consagração a Ele. Ao buscarmos Deus de todo o coração, nós O acharemos.”⁴ A consagração transcende ritos e formalidades, transformando o caráter e expressando-se num estilo de vida que reflete o profundo amor que temos pelo nosso Criador.

“O coração deve ser todo entregue a Deus, caso contrário não é possível operar-se em nós a mudança pela qual seremos

restaurados à semelhança com Ele. [...] Deus deseja curar-nos, libertar-nos. Mas, uma vez que isto requer uma inteira transformação, uma renovação de toda a nossa natureza, precisamos de nos render completamente a Ele.”⁵

Deixamos um desafio à Igreja nacional. Que possamos abraçar coletivamente a jornada da consagração. Que a busca por se amar o Senhor com todo o nosso ser se torne na essência da nossa identidade como comunidade Adventista. Que cada igreja, cada lar, cada crente seja marcado pela consagração genuína e pela busca constante de uma intimidade mais profunda com Deus.

Que esta edição da *Revista Adventista* seja mais do que meras palavras impressas; que seja um convite à consagração pessoal e comunitária. Que cada página, cada rubrica, cada artigo nos inspire a amarmos o Senhor com todo o nosso coração, com toda a nossa alma e com todo o nosso entendimento. Que a consagração não seja apenas uma temática, mas a melodia que permeia cada aspeto da nossa vida cristã.

Aceita o desafio?

1
Mateus 22:37, *NVI*.

2
Douglas Mangum, org.,
Comentário de Contexto
Lexham: Novo Testamento
(Bellingham, WA: Lexham
Press, 2020): Mat. 22:34–40.

3
Ellen G. White, *Minha Consagração Hoje* (Tatuí, SP: CPB, 1952), 12.

4
Ellen G. White, *Minha Consagração Hoje* (Tatuí, SP: CPB, 1952), 4.

5
Ellen G. White, *Aos Pés de Cristo* (Sabugo: P. SerVir, 2022), 43.

“Algum tempo antes
do nascer do dia”:
*A vida no altar devocional
de Ellen G. White*



—
Dwain N. Esmond
*Diretor-Associado do
Ellen White Estate*

Não é uma surpresa para os observadores atentos o facto de Ellen G. White ter tido uma relação com Deus que era profunda e significativa. O mero alcance da sua produção literária sugere isso mesmo. Por altura da sua morte, em 1915, Ellen G. White tinha escrito mais de 5000 artigos de revista, 200 folhetos e panfletos, 35 000 cartas e documentos datilografados e mais de 2000 cartas manuscritas e materiais de diários, os quais, uma vez copiados, totalizavam mais de 15 000 páginas datilografadas.

Mas, se avaliamos uma vida pelo que acontece depois de a pessoa ter partido, então deveríamos considerar Ellen G. White como parte do grupo constituído pelos mais importantes indivíduos que alguma vez viveram. Ela foi cofundadora de uma Igreja que tem, atualmente, mais de 22 milhões de membros e gerou um sistema educativo internacional e uma rede global de saúde, sem falar dos milhões de vidas transformados pelos seus escritos. Seja qual for o critério utilizado, as realizações de Ellen G. White demonstram que a sua vida foi consequencial e significativa.¹

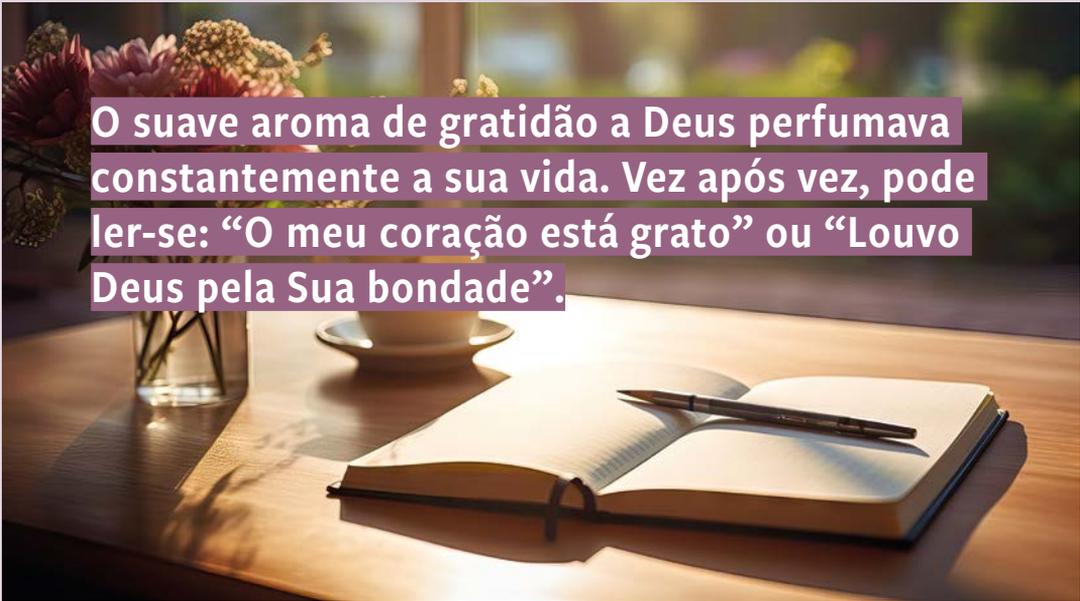
Qual era o seu segredo? Tudo o que Ellen G. White realizou durante o seu ministério de 70 anos foi o produto da sua vida devocional – a sua “vida junto do altar”.

Um segredo revelado

À primeira vista, a vida, a produção literária e o ministério de Ellen G. White parecem ser algo quase improvável. Ela foi terrivelmente magoada na infância, aos nove anos, quando “uma menina de treze anos aproximadamente, zangando-se por qualquer futilidade, atirou uma pedra que me atingiu o nariz”.² Ela notou mais tarde que o acidente “afetaria toda a minha vida”.³ E realmente assim foi. O acidente obrigou-a a deixar a escola, pois ela debatia-se para respirar pelo nariz, para reter aquilo que lhe estava a ser ensinado e para escrever sem tremer. Embora enfrentasse intermináveis desafios de saúde, a vida de Ellen G. White foi uma vida excepcionalmente frutífera ao nível espiritual. Qual era o seu segredo? Tudo o que Ellen G. White realizou durante o seu ministério de 70 anos foi o produto da sua vida devocional – a sua “vida junto do altar”.

Para se compreender a paixão de Ellen G. White por Jesus, temos realmente de passar algum tempo a ler as crónicas pessoais diárias sobre a sua vida – os seus diários. Começando em 1859, ela manteve um registo intermitente sobre as experiências da sua vida, do seu ministério e da sua interação com as pessoas. Mesmo uma olhadela superficial dos seus diários revela várias coisas.

Incapaz de dormir bem devido a maleitas físicas, especialmente na velhice, Ellen G. White levantava-se “algum tempo antes do nascer do dia”, como o Jesus que ela amava e apreciava (Marcos 1:35). Depois dos registos de um despertar às 3:00 e às 4:00 horas, existem notas no diário de uma tal ação de

A photograph of a desk with a notebook, a pen, a coffee cup, and a vase of flowers. The text is overlaid on the top part of the image.

O suave aroma de gratidão a Deus perfumava constantemente a sua vida. Vez após vez, pode ler-se: “O meu coração está grato” ou “Louvo Deus pela Sua bondade”.

graças e de um tal louvor que o Leitor fica quase sem fala. O suave aroma de gratidão a Deus perfumava constantemente a sua vida. Vez após vez, pode ler-se: “O meu coração está grato” ou “Louvo Deus pela Sua bondade”.

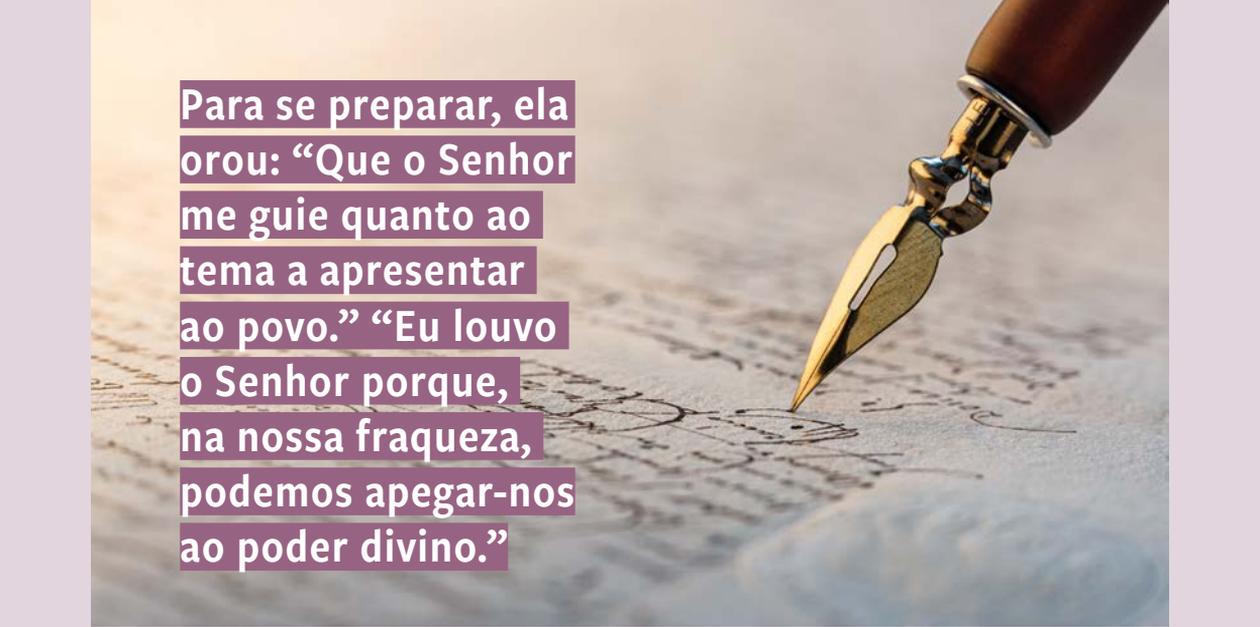
Ellen G. White estava grata a Deus pelas pequenas coisas, como uma noite bem repousada. Frequentemente, o sono fugia diante de períodos difíceis, como aquele em South Lancaster, Massachusetts, sobre o qual ela escreveu em 26 de outubro de 1890: “Não consegui dormir desde as três da manhã. ... Tenho muito em que pensar. Vesti-me e depois desfrutei de um precioso período de oração, tendo estado a escrever desde as quatro horas. São agora seis e meia.” Durante a tarde desse dia, ela falou a uma grande audiência e comentou: “Temi não ter a força suficiente, mas o Senhor deu-me a Sua graça e o Seu poder para me dirigir às pessoas a partir de II Coríntios 3:18.”⁴

Algumas entradas nos seus diários estão cheias de bocadinhos de

informação comum, enquanto outras estão inundadas por comentários e testemunhos de reflexão sobre os seus sentimentos. Em 1 de janeiro de 1859 – um Sábado –, uma Ellen com 31 anos escreveu: “É o começo de um novo ano. O Senhor deu a James grande liberdade para pregar na tarde de Sábado sobre a necessária preparação para o batismo e para a participação na Ceia do Senhor.”⁵

Momentos com uma adoradora

Durante a minha breve jornada de pesquisa sobre a visão que Ellen teve em 3 de novembro de 1890, em Salamanca, Nova Iorque, tive a oportunidade de ler as entradas no seu diário relacionadas com a visão e com a sua subsequente apresentação, em 8 de março de 1891. No Sábado 11 de outubro de 1890, ela encontrava-se em Adams Center, Nova Iorque. “Falei para uma casa cheia”, escreveu ela. “Havia bastantes Batistas do Sétimo Dia presentes. Foram trazidos bancos extra e colocados nas coxias; a



Para se preparar, ela orou: “Que o Senhor me guie quanto ao tema a apresentar ao povo.” “Eu louvo o Senhor porque, na nossa fraqueza, podemos apegar-nos ao poder divino.”

galeria estava cheia. Falei a partir de João 17:3.⁶ O Senhor abençoou o ministério dela nesse dia e seguiu-se uma poderosa reunião de testemunhos, mas o que ela registou, no fim da anotação sobre esse dia no diário, diz muito sobre a sua ponderação: “Ficamos gratos por conhecer os idosos servos de Deus nesta ocasião. Conhecemos o Pastor [Frederick] Wheeler, que se aproxima dos 80 anos, desde o início da mensagem do terceiro anjo. Nós já conhecemos os Pastores [H. H.] Wilcox e [Charles O.] Taylor desde os últimos 40 anos. A idade já se nota nestes idosos portadores de estandarte, bem como em mim.”⁷

Frederick Wheeler e os seus colegas pioneiros Wilcox e Taylor tinham trabalhado muito com Ellen G. White. Ela tinha grande respeito pelos obreiros idosos e escreveu poderosamente sobre a necessidade de a Igreja cuidar deles e de os apoiar.⁸

No dia seguinte, 12 de outubro de 1890, Ellen G. White levantou-se às 4:15 horas da manhã e passou algum

tempo em profunda oração antes de começar a escrever. Ela escreveu então: “Sinto-me grata ao Senhor porque supor-tei o esforço de ontem muito melhor do que esperava. Eu peço ao Senhor força e graça, e louvo o Seu santo nome por receber de forma decisiva, segundo a promessa dada, aquilo mesmo de que mais necessito.”⁹

Esta é uma das características definidoras da vida devocional de Ellen G. White. Vemo-la logo no dia seguinte, 13 de outubro, quando ela se prepara para falar a uma grande audiência, que maioritariamente não era Adventista, e, mais tarde, a outra grande audiência. Para se preparar, ela orou: “Que o Senhor me guie quanto ao tema a apresentar ao povo.” “Eu louvo o Senhor porque, na nossa fraqueza, podemos apegar-nos ao poder divino.”¹⁰ Ela concluiu, mais tarde, sobre a reunião da noite: “Tive muita liberdade para falar sobre II Pedro 1, demorando-me nas promessas preciosas. A minha preocupação principal é despertar os leigos da Igreja para a

ação, de tal modo que cada indivíduo perceba o seu dever de se tornar num co-obreiro de Deus.”¹¹

Apesar dos desafios do dia, Ellen G. White ainda encontrou energia para escrever “Testemunhas de Cristo”, um documento de nove páginas sobre como motivar os leigos para ministrarem na Igreja. Como foi ela capaz de falar a múltiplos grupos num único dia e ainda escrever notas profundas e inquiridoras de orientação para o povo de Deus? Ela dependia completamente de Deus para tudo na sua vida – sabedoria, orientação, saúde, segurança, bem-estar familiar, poder no ministério, e outras coisas mais.

Entre o Céu e a Terra

A confiança de Ellen G. White em Deus era justificada porque a sua vida era uma vida entre o Céu e a Terra. Ela vivia na Terra, mas o seu propósito era celestial. O seu diário de 1890 contém uma história poderosa que demonstra a razão por que ela manteve o seu altar de culto pessoal de modo tão cuidadoso.

Em 30 de outubro de 1890, White e alguns acompanhantes deixaram South Lancaster em direção a Salamanca, Nova Iorque. Durante a viagem, ela ficou engripada, o que a afetou de tal modo que ela desejou regressar a casa, em vez de prosseguir. Uma noite, sentindo grande dor e “sentindo-se desencorajada quanto à sua viagem”,¹² dirigiu-se aos seus aposentos no comboio e ajoelhou-se perto de uma cadeira para orar. Foi então que algo miraculoso aconteceu: “Não tinha ainda pronunciado uma palavra quando todo o quarto pareceu ficar cheio de uma luz

suave e prateada, e a minha dor, o meu desapontamento e o meu desencorajamento foram removidos. Fiquei cheia do conforto, da esperança e da paz de Cristo. ... A presença de Jesus estava no quarto.”¹³ A sonolência desapareceu rapidamente à medida que Ellen G. White constatava a presença de Deus. “Que noite foi aquela para a minha alma!”, escreveu ela depois. “Cada fôlego tornou-se numa oração misturada com louvor a Deus.”¹⁴

Mas Deus ainda não tinha acabado de interagir com Ellen G. White naquela noite. Ela recebeu mais tarde uma visão em que viu uma reunião de líderes do Ministério de Publicações da Igreja. Eles estavam a decidir remover qualquer referência ao Sábado e qualquer menção do nome “Adventista do Sétimo Dia” da revista *American Sentinel*, o periódico da Igreja sobre liberdade religiosa.

Vários meses depois, em março de 1891, a Assembleia da Conferência Geral foi realizada em Battle Creek. Ellen G. White, a oradora na meditação matinal, usou Mateus 5:16 como base da sua mensagem de Sábado: “Assim resplandeça a vossa luz diante

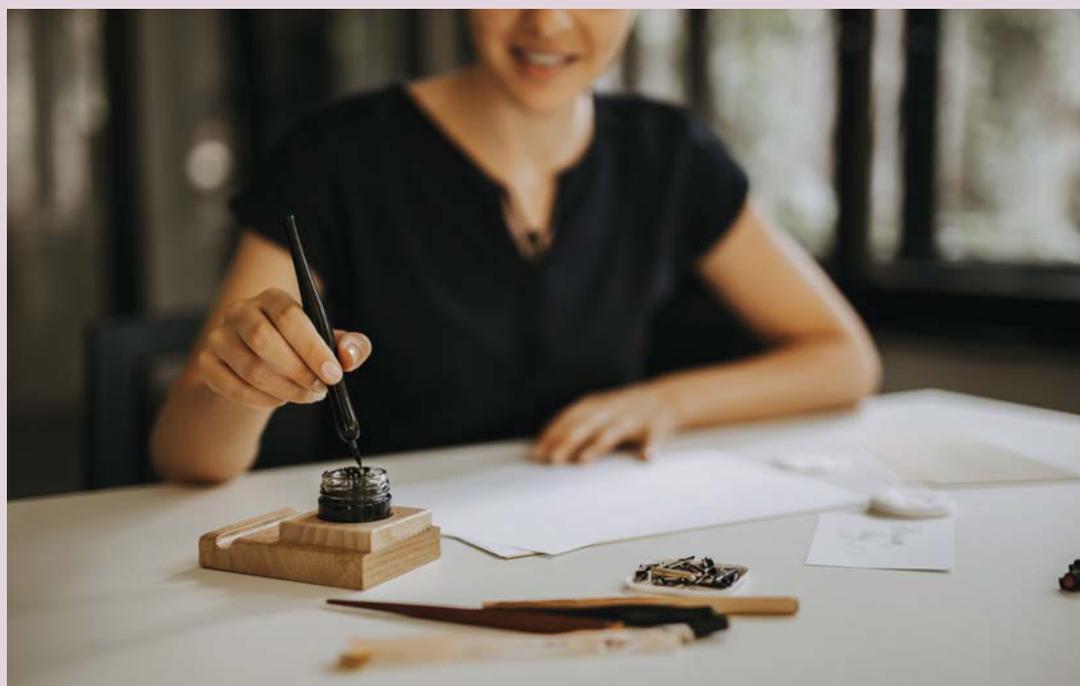
A confiança de Ellen G. White em Deus era justificada porque a sua vida era uma vida entre o Céu e a Terra. Ela vivia na Terra, mas o seu propósito era celestial.

dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus.” Em mais de uma ocasião durante as reuniões, Ellen G. White tentou partilhar a sua anterior visão, mas ficou frustrada por não ser capaz de o fazer.

Mais tarde nessa noite, ocorreu uma reunião de representantes da Casa Publicadora e de líderes da Associação Nacional de Liberdade Religiosa. A reunião acabou num impasse, por volta das 3:00 da manhã, com os representantes do Departamento de Liberdade Religiosa a recusarem-se a usar a *American Sentinel* para apresentar os seus princípios, caso não fosse removida dela qualquer menção do nome da Igreja e do Sábado. O que eles não sabiam era que, por volta da mesma altura, Deus estava a despertar a Sua mensagem, dando-lhe diretivas claras. Ela deveria ir à reunião matutina das 5:30 e

partilhar com aquele grupo aquilo que lhe tinha sido mostrado em visão, em Salamanca, Nova Iorque.

Ellen G. White obedeceu. Ela passou uma hora a relatar o que tinha visto em visão. A audiência estava sentada em admirado silêncio. Tocado pelo Espírito Santo, o Presidente da Associação Nacional de Liberdade Religiosa disse: “Eu estive presente nessa reunião. Na última noite, após o encerramento da assembleia, alguns de nós reunimo-nos no meu gabinete, nos escritórios da *Review*, onde estávamos de portas fechadas, para discutir as questões e o assunto que nos foram apresentados nesta manhã. Ficámos ali até às três horas desta madrugada. Se eu começasse a dar uma descrição do que aconteceu e das atitudes daqueles que lá estavam, não poderia fazê-lo com tanta exatidão e correção como o fez a Senhora White. Vejo agora que eu estava errado e que a



A vida devocional de Ellen G. White lembra-nos de que podemos levar tudo a Deus – todas as nossas alegrias e todas as nossas mágoas – e Ele suprirá tudo do que necessitarmos para cada dia.

posição que tomei não era correta. Pela luz que foi comunicada esta manhã, eu reconheço que estava equivocado.”¹⁵ A Associação Nacional de Liberdade Religiosa reuniu-se mais tarde e rescindiu a decisão que tinha advogado de modo tão perentório.

Duas conclusões

Assim, o que devemos concluir destas breves cenas retiradas da vida da mensageira inspirada de Deus? Primeiro, a vida e o ministério de Ellen G. White lembram-nos de que nada pode substituir o tempo diário passado com Deus. É nesses momentos que Ele sustém, dirige e orienta os Seus servos. Segundo, a vida devocional de Ellen G. White lembra-nos de que podemos levar tudo a Deus – todas as nossas alegrias e todas as nossas mágoas – e Ele suprirá tudo do que necessitarmos para cada dia. Nenhum outro tema surge de modo mais poderoso nos diários de Ellen G. White do que o tema de que Deus era a sua Fonte de poder, de auxílio e de apoio cada dia. Ela passava tempo na

Sua presença para que pudesse ser alimentada espiritualmente. Deste modo, Ellen G. White estava preparada para momentos como aquele que ela encanou na Assembleia da Conferência Geral de 1891.

Não importa onde o Leitor serve no seu ministério, os propósitos de Deus para si são ponderados e significativos. Ao refletir na comunhão de Ellen G. White com Deus, caso a sua vida devocional não seja aquilo que deveria ser, altere-a agora, pois muito depende do tempo de qualidade que passa com Ele cada dia. Que Deus o abençoe na medida em que o Leitor O busca e na medida em que Ele o busca.

1

“Ellen G. White Named Among 100 Most Significant Americans”, *Adventist Review*, 1 de dezembro de 2014.

2

Ellen G. White, *Life Sketches* (Mountain View, CA: Pacific Press, 1915), 17. Ellen G. White, *Vida e Ensinos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007), 13.

3

Ellen G. White, *Christian Experience and Teachings of Ellen G. White* (Mountain View, CA: Pacific Press, 1922), 13-15.

4

Ellen G. White Estate, *The Salamanca Vision and the 1890 Diary* (Washington, DC: Ellen G. White Estate, 1983), 14 e 15.

5

Arthur L. White, Ellen G. White, vol. 1, *The Early Years: 1827-1862* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 1985), 396.

6

Ellen G. White Estate, *The Salamanca Vision*, 6.

7

Ibidem.

8

Ellen G. White, *The Retirement Years* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 1990). Veja os capítulos 2 e 5: “Usefulness of Older Workers” e “Care of the Aged”.

9

Ellen G. White Estate, *The Salamanca Vision*, 7.

10

Ibidem.

11

Ibidem.

12

Idem, 57 e 58.

13

Arthur L. White, *Ellen G. White*, vol. 3, *The Lonely Years: 1876-1891* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 1985), 466.

14

Ellen G. White Estate, *The Salamanca Vision*, 58.

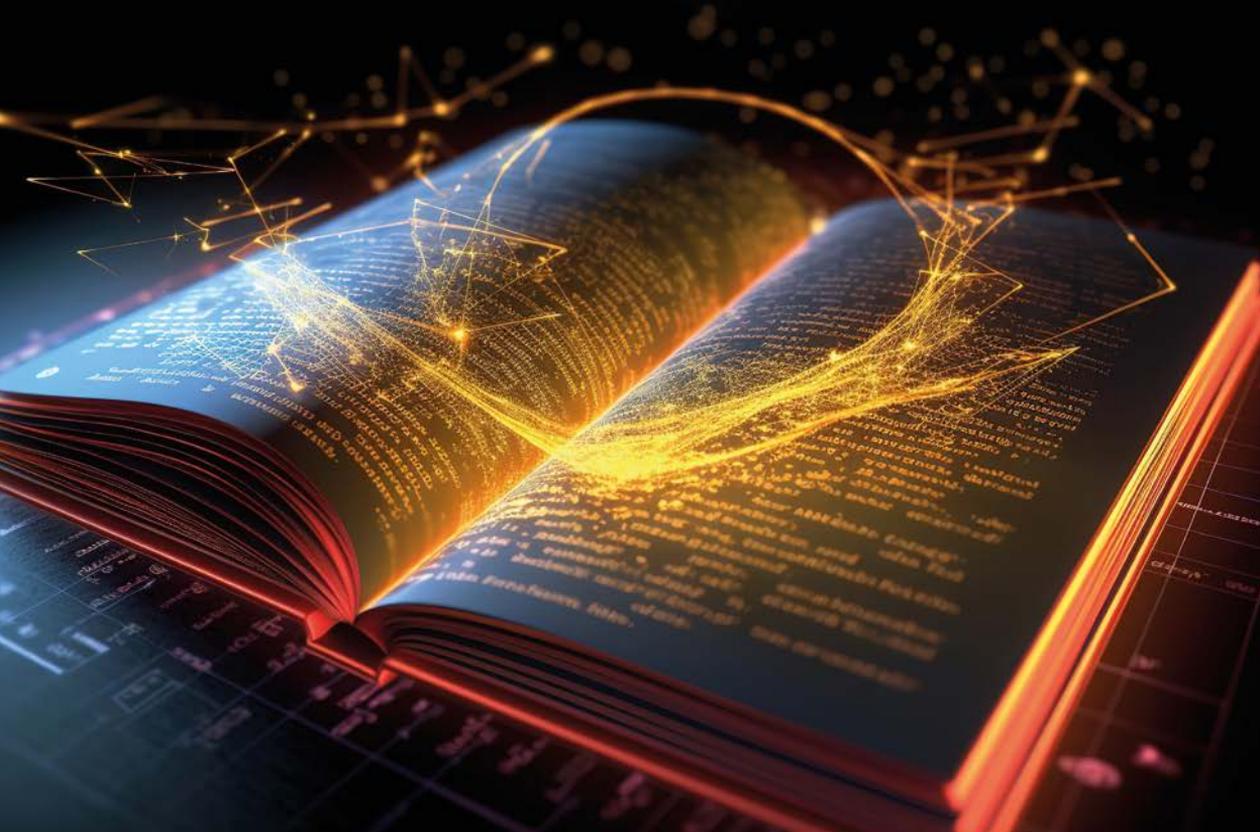
15

Ellen G. White, *Counsels for the Church* (Nampa, ID: Pacific Press, 1991), 27 e 28. Ellen G. White, *Conselhos para a Igreja* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007), 27.



Pablo Osório da Silva
Agile Coach no Departamento
de Inteligência Artificial da
Talkdesk

O impacto da Inteligência Artificial na fé, na religião e no livre-arbítrio



Introdução

Há quase um ano, testemunhámos o lançamento de uma nova era na Inteligência Artificial, com a introdução do *ChatGPT*, da empresa *OpenAI*. Facilmente acessível através de uma janela de *chat* num computador ou num telemóvel, ele trouxe como novidade a capacidade de compreender e responder de maneira quase humana às perguntas que lhe formulamos, tendo em conta todo o contexto da conversa.

A IAG, ou Inteligência Artificial Generativa, de que o *ChatGPT* é o exemplo mais conhecido, é um tipo de Inteligência Artificial baseado em LLMs (*Large Language Models*), ou seja, modelos que estudaram a linguagem de uma quantidade gigantesca de livros, documentos e páginas escritos por seres humanos, ao longo do tempo, nos diversos temas e estilos. Ela tem, por isso, a capacidade de gerar texto de maneira tão convincente que é muitas vezes difícil distinguir entre uma resposta gerada pela máquina e uma criada pelo ser humano.

É importante desmistificar que a IAG não tem opiniões, sentimentos, planos, nem sabe o que está a dizer. Em última instância, poderíamos dizer que o que faz é apenas usar a estatística de tudo o que “leu” para prever qual é a palavra mais provável de combinar adequadamente após a palavra anterior. Mas, ao gerar texto com tamanha qualidade, o *ChatGPT* passou de ser uma curiosidade nas primeiras semanas para se transformar numa ferramenta poderosa que impacta a forma como nos comunicamos, como trabalhamos e interagimos com o mundo digital.

À medida que a Sociedade abraça estas mudanças, é crucial refletir, sobre as implicações éticas e sociais que podem surgir.

O estado atual da tecnologia

Após um ano, pudemos ver não só a extensão da sua capacidade, com versões grátis e pagas, como a sua aplicação a outros domínios, como, por exemplo, o gerar de imagens, vídeo, áudio. Também assistimos ao surgimento de modelos concorrentes, como o *Bard*, da *Google*, ou o *Llama*, da *Meta* (*Facebook* e *Instagram*), entre outros.

Esta inovação tecnológica tem sido bem recebida em muitos setores, proporcionando eficiência e automação em diversas tarefas. Atualmente, há mesmo uma corrida à aplicação da IAG nas mais variadas ferramentas digitais e nos mais distintos tipos de negócio, sendo talvez, ao dia de hoje, a área que consegue atrair mais investimento da tecnologia.

Preocupações sobre o seu impacto na Sociedade

À medida que a Sociedade abraça estas mudanças, é crucial refletir-se sobre as implicações éticas e sociais que podem surgir. Os modelos mais recentes são capazes de gerar texto que é indistinguível de texto de autoria humana, o que levanta preocupações sobre como



essa tecnologia pode ser usada de forma maliciosa.

O próprio Sam Altman, CEO e fundador da *OpenAI*, que lançou toda esta revolução com o *ChatGPT*, disse, numa entrevista ao canal *ABC News*, que “estou especialmente preocupado com que estes modelos LLMs possam ser usados para gerar desinformação em larga escala”.¹

Os impactos da IAG estão a gerar preocupação na Sociedade numa série de áreas, incluindo:

- **Emprego:** Há o potencial de automatizar vários tipos de tarefas, o que poderia levar a um aumento do desemprego. Por exemplo, ao ser usada IAG para produzir conteúdo criativo, como artigos, poemas e código, poderá gerar-se a perda de empregos para escritores, poetas e programadores.
- **Discriminação:** A IAG pode estar a ser treinada com conjuntos de dados e textos-base que refletem os preconceitos existentes na Sociedade. Isso significa que a IAG pode também gerar texto

que é discriminatório ou prejudicial. Uma situação possível é, tendo sido treinada com um certo tipo de notícias, poder gerar texto que perpetue estereótipos sobre grupos minoritários.

- **Desinformação:** A IAG pode ser usada para gerar conteúdo falso ou enganoso, mas bastante credível, podendo levar a uma disseminação de desinformação na Sociedade. Exemplificando, a criação de artigos falsos sobre saúde ou a divulgação de rumores nas redes sociais. Também são conhecidos os frequentes casos de “alucinação”, em que a IAG mistura factos de realidades diferentes na mesma resposta ou, mesmo, factos históricos com ficção ou com meras opiniões.
- **Autonomia:** O desenvolvimento de IAG autónoma, capaz de tomar decisões sem intervenção humana, levanta preocupações sobre o potencial de esses sistemas serem usados para fins maliciosos. Por exemplo, poderiam ser usados para lançar ataques cibernéticos ou para

controlar sistemas críticos, como redes de energia ou de transportes.

É importante notar que os riscos associados à IAG não são inevitáveis. É possível desenvolver e usar esta tecnologia de forma responsável e ética, tomando medidas para mitigar os riscos potenciais. Aliás, este tipo de desafios já os vivemos inúmeras vezes na História, como no surgimento da máquina a vapor, do automóvel, da TV ou da internet, levando a Sociedade a adaptar-se a uma nova configuração.

Mas vamos agora analisar o impacto em três dimensões que nos parecem especialmente importantes, apesar de nem sempre estarem a ser consideradas: Fé, Religião e Livre-Arbítrio.

Fé e religião

A influência da Inteligência Artificial na fé e na religião é um território delicado e complexo. As crenças religiosas muitas vezes moldam a identidade e os valores de uma Sociedade, e a introdução de tecnologias como o *ChatGPT* pode, no limite, levar a olharmos para a IAG como um dos “falsos mestres, os quais introduzirão, dissimuladamente, heresias destruidoras” (II Pedro 2:1, *ARA*).

Alguns desafios éticos e práticos sobre o efeito da IAG nos domínios da fé e da religião:

1. Dúvidas teológicas e éticas:

A capacidade da IAG de gerar respostas sofisticadas pode levar os fiéis a buscarem esclarecimentos para questões teológicas e éticas. Como é que as máquinas interpretam e respondem a dilemas morais complexos? Será que a inteligência artificial pode

compreender e transmitir os princípios éticos fundamentais das várias religiões? Que tipos de vies podem estar incluídos sobre doutrinas, numa área onde a História nos tem dividido precisamente a partir das diversas interpretações de um mesmo texto? Essas questões levam a reflexões mais profundas sobre o papel da tecnologia na formação das convicções religiosas.

2. Assistência religiosa virtual:

Ao dia de hoje já existe oferta de IAG programada para providenciar orientação espiritual, responder a perguntas teológicas e até mesmo fornecer conforto em momentos difíceis. Isto levanta questões sobre a autenticidade da experiência religiosa, quando mediada por uma máquina, desafiando as noções tradicionais de interação pessoal com líderes religiosos. Um bom exemplo disto seria alguém escrever um pedido de oração na página de uma igreja, mas que seria apenas respondido pela IAG, e não por um ser humano.

3. Desafios para a comunidade religiosa:

O uso de *chats* em *apps* ou páginas *web* que recorrem a IAG para responder a perguntas religiosas pode

Como é que as máquinas interpretam e respondem a dilemas morais complexos? Será que a inteligência artificial pode compreender e transmitir os princípios éticos fundamentais das várias religiões?

diminuir a interação humana nas práticas religiosas tradicionais. Isto contribuiria para um afastamento entre os membros e levanta questões sobre o significado da comunidade religiosa quando parte da interação ocorre com entidades não-humanas.

Livre-Arbítrio

Na verdade, já convivemos com a Inteligência Artificial (IA) nesta área há algum tempo. Das sugestões personalizadas de vídeos para ver no *Youtube* ou na *Netflix*, até ao que nos aparece quando abrimos o *Facebook*, o *Instagram* ou o *Twitter*, ou, já há mais tempo, até à rota sugerida pelo nosso *GPS* para chegarmos a casa. Em todos estes casos, já estamos a deixar de exercer uma opção consciente e delegamos a escolha na sugestão da IA. Isto acontece porque, com o tempo, fomos percebendo que era mais fácil, mais rápido e, normalmente, uma opção igual ou melhor, do que se fosse uma escolha feita por nós.

Marcelo Cabral, editor da Associação Brasileira de Cristãos na Ciência adverte: “O *ChatGPT* pode representar um obstáculo para os Cristãos que desejam realizar reflexões profundas sobre textos bíblicos. A automação excessiva desencoraja a leitura direta e pessoal da Bíblia, impedindo o desenvolvimento intelectual e espiritual na compreensão e reflexão sobre os ensinamentos bíblicos.”²

Qual será o impacto que terá na Sociedade e, francamente, em cada um de nós, quando alguém nos disser A, mas o nosso telemóvel nos disser B?

Vejam um exemplo prático, de uma das perguntas mais importantes

que toda a gente se faz no decurso da sua vida. Quando procura a IAG para lhe dar uma resposta, obtém a visão segundo os manuais de teologia de várias Igrejas cristãs, não propriamente segundo a Bíblia em si e, seguramente, em desacordo com aquilo que outras Igrejas cristãs, como a Igreja Adventista do Sétimo Dia, interpretam das Escrituras.

– Segundo a Bíblia, o que acontece após a morte?

– A Bíblia ensina que a vida após a morte é uma realidade. Após a morte física, as pessoas vão para um lugar de recompensas ou punições, dependendo de suas ações na vida. A Bíblia descreve dois lugares distintos para a vida após a morte: o Céu e o Inferno.

Se, normalmente, não questionamos as sugestões propostas pelo *Youtube*, os *posts* apresentados no *Instagram* ou a rota indicada pelo *GPS*, se toda a vida confiámos no *Google* para encontrar as informações, se temos usado cada vez mais o *ChatGPT* para encontrar respostas a todo o tipo de perguntas, sejam simples ou complexas... porque iríamos duvidar agora das respostas da IAG, que nos tem ajudado tanto noutras situações?

Se não estamos já neste ponto, em breve poderemos estar num mundo onde todo o conhecimento está condensado num *chat* com a IAG. Inteligência esta contra a qual desistimos de argumentar, porque, vez após vez, parece ter sempre razão, pois consegue agrupar mais dados do que alguma vez nós conseguiríamos relacionar.



“Sejam praticantes da palavra, e não apenas ouvintes, enganando-se a si mesmos” (Tiago 1:22, NVI).

Como Sociedade, como grupos ou como indivíduos, é aqui que está o risco escondido sobre o livre-arbítrio, ao não exercermos mais a responsabilidade que vem com a liberdade de escolha, ao descurmarmos procurar investigar as opções em mãos e, progressivamente, deixarmos, de facto, de exercer a decisão.

“Deus é amor”, diz-nos a Bíblia, mas, para que o Universo seja governado sob o lema do amor, é fundamental que todos os seres criados possam fazer escolhas livres. Para que uma escolha seja verdadeiramente livre e cheia de significado, ela precisa de ser consciente. Este princípio é tão importante para Deus que, em última análise, foi por causa da capacidade de livre-arbítrio que se iniciou o grande conflito entre o bem e o mal.

Conclusão

Quase um ano após o lançamento do *Chat GPT*, é evidente que a Inteligência Artificial Generativa está a moldar a Sociedade de maneiras profundas e complexas. O impacto na fé e na religião

é apenas uma faceta desse fenómeno em evolução. No meio da incerteza de como será o futuro, e no risco de uma Sociedade que delega as suas próprias decisões a sistemas tecnológicos, importa recordar as palavras de Tiago, que nos alertam para investigarmos e dominarmos, por nós próprios, a Palavra de Deus, não adormecendo como agentes passivos de outros. “Sejam praticantes da palavra, e não apenas ouvintes, enganando-se a si mesmos” (Tiago 1:22, NVI).

Ao navegarmos por essas mudanças, é essencial abordarmos as questões éticas e morais apoiados na Palavra, garantindo que a tecnologia seja uma aliada, e não uma ameaça, para as Sociedades e para a vida espiritual.

Neste artigo, foram usadas ferramentas de IAG.

¹ <https://abcnews.go.com/Technology/openai-ceo-sam-altman-ai-reshape-society-acknowledges/story?id=97897122>

² <https://www.christianitytoday.com/ct/2023/may-web-only/chatgpt-google-bible-theology-artificial-intelligence-truth.html>

De interessado a discípulo



Pedro Esteves
*Área Departamental
de Evangelismo*

São muitos os desafios e são muitos os métodos missionários que as nossas igrejas e os nossos membros têm ao seu alcance, mas todos eles, no fundo, procuram atingir um grande objetivo: alcançar pessoas interessadas com quem se possa fazer um trabalho de acompanhamento que permita que venham a ser discípulos comprometidos. Podemos, por isso, dizer que uma das formas mais eficazes de uma igreja desenvolver o seu projeto missionário é trabalhar de forma intencional para ter uma lista de interessados, e estabelecer um plano para acompanhar cada um dos nomes dessa lista. Com frequência, muitas igrejas e muitos membros ativos estão empenhados em ações missionárias diversas (e muito bem), mas com resultados pouco frutíferos, quando podiam estar concentrados em trabalhar de forma sistemática com uma “lista de interessados”.

Para ajudar a ser-se mais eficaz neste trabalho, apresentamos um conjunto de informações e de propostas que podem ser adaptadas e aplicadas em qualquer igreja local, e lideradas pelas equipas do Ministério Pessoal, pela Coordenação de Interessados ou, até, pela equipa pastoral, formada pelo Pastor e pelos seus anciãos.

O que é um INTERESSADO?

É uma pessoa que, não tendo ainda assumido um compromisso com Cristo ou com a mensagem Adventista, dá evidência de um nível de interesse mínimo nesse compromisso, ou está, pelo menos, em condições de ser alcançada pelos esforços evangelísticos de um discípulo de Cristo.

Quem podemos considerar como um INTERESSADO?

- Visitas regulares da igreja.
- Visitas esporádicas da igreja.
- Pessoas que frequentam grupos de estudo da Bíblia.
- Pessoas que frequentam Pequenos Grupos.
- Pessoas que já manifestaram interesse no passado.
- Membros afastados ou antigos membros de Igreja.
- Jovens de origem Adventista ainda não batizados.
- Jovens não-Adventistas que frequentam os DESBRAVADORES.

Também podemos falar de potenciais interessados, ou seja, de pessoas que, mesmo não tendo ainda manifestado um interesse de forma ativa, estão em situação que permite chegar a elas e facilitar essa manifestação nalgum momento.

Quem podemos considerar como um potencial INTERESSADO?

- Familiares diretos de Adventistas que não frequentam a igreja.
- Amigos não-Adventistas próximos de membros ou de interessados.
- Vizinhos e colegas de trabalho de Adventistas.
- Vizinhos das instalações da igreja.
- Pessoas com quem nos cruzamos em situações especiais.
- Pessoas que receberam visitação, literatura ou recursos Adventistas.
- Pessoas que participaram esporadicamente em ações da igreja.

No ideal, todas as igrejas deviam ter uma lista completa de interessados e

potenciais interessados como base para a definição de uma estratégia missionária. A partir daí, a pergunta-chave para a criação dessa estratégia é: como aumentar a possibilidade de um INTERESSADO se tornar num DISCÍPULO?

Para responder a esta pergunta, apontamos quatro princípios essenciais e algumas ferramentas práticas para facilitar a sua implementação.

PRINCÍPIO 1

Um INTERESSADO só será um discípulo, se algum discípulo se mostrar interessado.

Antes mesmo de uma pessoa manifestar interesse, ou assim que uma pessoa manifesta alguma forma de interesse, é necessário que alguém se interesse por ela e “alimente” o seu interesse. Ora, esta é uma função essencial dos que já são discípulos, e, por isso, aquilo a que muitas vezes chamamos evangelismo ou ações missionárias é, na verdade, o trabalho natural de um discipulador. Ora, sendo honestos, temos de reconhecer que, com frequência, temos muitas “funções” na Igreja, mas não estamos tão atentos a este tipo de ministérios. Podemos definir um conjunto de ações essenciais para aplicar este princípio.

Um interessado deve ser:

IDENTIFICADO | de acordo com um perfil de definição traçado.

ENQUADRADO | entrar numa lista e ser alvo de oração e de um plano de intervenção.

ALIMENTADO | por um plano de ação delineado.

DESAFIADO | criando-se oportunidades de decisão e de maturação.

Para ajudar a desenvolver este plano, está à disposição das igrejas um documento de apoio à **Coordenação de Interessados**, que pode ser uma grande ajuda para toda a liderança desta área. Pode ser baixado neste *link*:



<https://recursos.adventistas.org.pt/escolasabatina/ferramentas/coordenacao-de-interessados/>

PRINCÍPIO 2

O “rebanho” de INTERESSADOS precisa de um cuidado pastoral mais personalizado e intencional.

Cada igreja pode implementar, com a sua lista de INTERESSADOS, o conceito de discípulos-tutores, ou seja, uma equipa de “Pastores” a quem é atribuída a responsabilidade por um grupo de pessoas dessa lista, que vai cuidar, alimentar e orientar como sendo o seu “rebanho”.

Esta equipa deve seguir um plano de tutoria de INTERESSADOS desenvolvido de forma global pela igreja, que deve incluir:

- Equipas de tutores.
- Escalas de responsabilidade.
- Planos de intervenção personalizados.
- Reuniões de partilha e de avaliação.

PRINCÍPIO 3

O processo de amadurecimento de um INTERESSADO não se dá a uma velocidade constante. Há momentos-chave para este crescimento que devem ser reconhecidos.

Por isso mesmo, um recurso de grande



Não trate um INTERESSADO como alguém que quer mudar de religião, mas como alguém que quer ser amado.

potencial neste processo é o disculpador ser capaz de identificar esses momentos-chave e agir de forma assertiva, sábia e ousada.

Há várias ações que podem ajudar na aplicação deste princípio, entre as quais destacamos:

- Ter uma lista de momentos importantes na vida de cada interessado (Datas especiais; efemérides; etc.).
- Manter conversas informais e pessoais, que constroem amizade e confiança, e registar alguma informação relevante que permita estar presente em momentos importantes (Exames escolares; audições; viagens; consultas ou intervenções médicas; decisões importantes; etc.).
- Assegurar a presença e o apoio pessoal em momentos de grande significado (Luto; doença; nascimento de filhos; mudança de casa; alterações profissionais; etc.).

PRINCÍPIO 4

Não trate um INTERESSADO como alguém que quer mudar de religião, mas como alguém que quer ser amado, porque a verdade é que ninguém quer mudar de religião ou de Igreja, mas todas as pessoas são sensíveis à bondade.

Tendo em conta esta verdade quase universal, que ouvimos o Pr. Alejandro Bullón formular nos momentos de formação que ministrou nas suas duas últimas passagens por Portugal, em 2017 e em 2019, deixamos algumas dicas muito práticas para se ter uma ação mais eficaz juntos dos interessados:

- As pessoas são sensíveis a quem as sabe ouvir. Não se precipite a falar e a fazer ouvir as suas convicções. Ouça primeiro e empregue mais tempo a escutar do que a falar.
- Respeitar as crenças e convicções prévias das pessoas é essencial

para que sejamos respeitados e, até, ouvidos quando podemos expressar as nossas.

- Aproveite todas as oportunidades que surjam para ajuda prática, de acordo com as necessidades e circunstâncias das pessoas. Isso abre mais portas do que muitos sermões e estudos bíblicos.
- Não desvalorize a importância da visitação em casa. Nem sempre é possível fazê-lo, mas ir a casa das pessoas e ter tempo para estar com elas e manifestar disponibilidade para a presença pessoal é de grande valor.
- Individual e coletivamente precisamos de reconhecer o poder de uma igreja acolhedora. Um interessado que é bem recebido, que se sente acolhido numa visita à igreja, e que testemunha um ambiente afável e de genuína união entre as pessoas está muito mais próximo de voltar e de ficar.
- Cuide da linguagem em todos os momentos, desde as conversas informais até ao contexto de ensino e exposição da Palavra de Deus. Comunique de forma compreensível, simples mesmo se profunda, inclusiva nos termos usados, que instrua e exponha a verdade sem atacar os que estão no erro.
- Não se precipite na vontade de ver mudanças no interessado. Uma pessoa realmente preparada é a que dá passos de forma autónoma e que manifesta a vontade de progredir. Podemos ser facilitadores nesse processo, mas evitar ser “precipitadores” da mudança.

**Um INTERESSADO
pode vir a ser um
discípulo, mas isso
depende muito
de haver algum
discípulo que se
mostre interessado.**

Há uma verdade prática que a experiência vai demonstrando, vez após vez, e que está muito ligada ao tema que explorámos neste artigo: com muita frequência, a parte mais relevante e frutífera da ação de uma igreja **NÃO CABE** num calendário de atividades. Isto é especialmente verdade quando se trata do ministério juntos dos interessados. Podemos até ter igrejas com planos de ação bem elaborados e com muitas atividades interessantes, mas, um INTERESSADO tornar-se num discípulo depende muito mais do cuidado de alguém que vá ao seu encontro, que se torne seu amigo, que o acompanhe nos desafios da vida, que lhe dê um exemplo real do que é ser Cristão, que lhe abra a Bíblia e que seja um promotor do Evangelho, da verdade e da salvação. Desafiamos os membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal a comprometerem-se com o ministério de buscar e acompanhar os interessados na sua comunidade, porque um INTERESSADO pode vir a ser um discípulo, mas isso depende muito de haver algum discípulo que se mostre interessado.



Marcos Osório
Arqueólogo



RádioRCS
91.2 fm



radiorcs.novotempo.pt
[/podcasts/gravado-na-pedra](https://podcasts/gravado-na-pedra)



GRAVADO NA PEDRA

Os prismas cuneiformes
do rei assírio Senaqueribe
e a tentativa frustrada de
conquistar Jerusalém

Neste espaço informativo, iremos analisar várias descobertas arqueológicas antigas e reportar recentes achados da Terra Santa. O nosso objetivo é fornecer informações pertinentes e atualizadas sobre diversos temas relacionados com a Cultura, a Sociedade e a História do Próximo Oriente. Daremos especial atenção às descobertas que contribuem para uma compreensão mais profunda da autenticidade da narrativa bíblica, abordando esses tópicos de uma perspectiva científica, isto é, apresentando tanto os factos, quanto as objeções e as dúvidas existentes.

É amplamente reconhecido que Israel, ao longo da História, tem sido um alvo apetecido de ataques militares. Não é de hoje que a nação judaica sofre ameaças e está envolvida em conflitos com forças vizinhas do Próximo Oriente.

Talvez a principal razão para isto ser recorrente se deva à sua posição geográfica, rodeada de sucessivas nações imperialistas, bem como de pequenas comunidades tribais que cobiçavam as suas riquezas e a sua prosperidade. A sua religião, diferente das demais, também foi um vigoroso motor para o ódio e para a intolerância, ao longo dos séculos.

São conhecidos os conflitos com os Faraós do Egito, as quezílias territoriais com os Moabitas e os Filisteus, a vigorosa conquista babilónica e a horrenda guerra Judaico-Romana do século I d.C., mas hoje abordaremos a tentativa assíria de conquistar Jerusalém.

Senaqueribe foi um famoso monarca assírio, filho de Sargão II, do

qual temos dezenas de longos registos preservados em prismas, que são peças de argila cozida com seis ou oito faces planas, onde eram gravadas inscrições cuneiformes em língua acadiana.

Hoje, iremos abordar esta curiosa maneira de redigir e perpetuar textos na época assírio-babilónica, em especial um documento régio copiado em três artefactos distintos: no Prisma de Taylor, no Prisma do Instituto Oriental de Chicago e no Prisma de Jerusalém.

O Prisma de Taylor foi o primeiro a ser descoberto e desempenhou um papel importante na descodificação da escrita cuneiforme. Acredita-se que tenha sido recolhido nas ruínas de Nínive, a antiga capital dos Assírios, e comprado na cidade iraquiana de Mossul, pelo antiquário britânico Robert Taylor. Entretanto, perdeu-se-lhe o rasto, até que foi encontrado e negociado, vinte anos mais tarde, pelo Museu Britânico.

O Prisma de Chicago contém outra versão deste mesmo texto e foi adquirido, em 1919, a um antiquário de Bagdad e levado para a Universidade de Chicago.

Por fim, o Prisma de Jerusalém foi obtido pelo Museu de Israel, num leilão da *Sotheby's*, em 1970.

Embora as circunstâncias exatas da descoberta dos prismas sejam desconhecidas, pois nenhum deles foi exumado no decurso de escavações arqueológicas, as três cópias são quase idênticas.

Causa-nos perplexidade hoje que, na Mesopotâmia, tenham sido gravadas inscrições com grandiosas narra-



Fig. 1 – O prisma de Senaqueribe do Museu Britânico (© The Trustees of the British Museum)

tivas de conquistas militares, que não foram destinadas à exibição pública, mas sim depositadas nas fundações dos novos edifícios, com a intenção de serem “vistas” apenas pelos deuses – o que é uma fortuna para os arqueólogos, ao exumar, nas suas escavações, estes registos, convertendo-os em documentos de inestimável valor para o entendimento da história antiga.

E assim fez Senaqueribe, quando mudou a capital assíria de Dur-Sharrukin para Nínive, nas proximidades de Mossul, no final do século VIII a.C., e lhe deu a devida dignidade com um ambicioso projeto de expansão urbana, erguendo muralhas, templos e palácios. O que sobra hoje da cidade são duas colinas proeminentes,

cada uma delas abrigando um palácio soterrado, onde se concentram as escavações arqueológicas: o *Tell Kuyunik* e o *Nebi Yunus*, este último nomeado (em árabe) em memória do profeta Jonas, pois, de acordo com a tradição, ele teria sido aqui enterrado.

Segundo as datas referidas nos prismas, eles foram redigidos com pouco tempo de diferença: dois datam de 691 a.C. e o prisma de Chicago é do ano 689 a.C., mas todos descrevem as campanhas militares decorridas entre 704 e 695 a.C., incluindo a conquista de Lachish e o cerco a Jerusalém, em 701 a.C., no reinado de Ezequias.

Este é um dos eventos mais bem documentados da história do antigo Israel, sendo mencionado noutros registos epigráficos, em escritos do historiador grego Heródoto e está representado graficamente em relevos do palácio real de Nínive.

O objetivo desta terceira campanha militar de Senaqueribe era reprimir uma revolta nas províncias ocidentais, fomentada por Ezequias, em conluio com os reis fenícios e filisteus. Em resposta, os Assírios conquistaram Tiro, a capital fenícia; depois, mais abaixo na costa mediterrânica, destruíram a Ascalão filisteia. Por fim, marcharam para Judá, sitiando Lachish e Jerusalém.

No texto dos prismas, Senaqueribe gaba-se do seguinte: *“Quanto ao rei de Judá, Ezequias, que não se submeteu à minha autoridade, cerquei e capturei quarenta e seis das suas cidades fortifi-*

cadás, juntamente com muitas aldeias menores, tomadas em batalha com os meus aríetes. Deportei 200 150 pessoas, pequenas e grandes, machos e fêmeas, além de um grande número de animais.” O número de cidades capturadas e de população deportada chama a atenção. Pela primeira vez na sua história, Judá sofre uma destruição avassaladora.

Este relato coincide com a narrativa bíblica de II Reis 18:13, referindo um ataque assírio bem-sucedido a Judá “no 14º ano do reinado de Ezequias”. O evento também está registado em II Crónicas 32:9 e em Isaías 36 e 37, batendo certo com a citação dos artefactos arqueológicos. Não obstante, os prismas dão uma perspe-

tiva diferente sobre este assédio, em comparação com os escritos judaicos, como seria de esperar. No texto cuneiforme, o monarca orgulha-se de que: *“O próprio Ezequias, como um pássaro numa gaiola, fechou-se em Jerusalém, a sua cidade real. As suas cidades, as quais eu espoliei, cortei da sua terra.”*

Porém, o desenlace final deste cerco militar revela diferenças e omissões na narrativa. Algo se passou que evitou a destruição da cidade de Jerusalém. O relato dos prismas menciona que este conflito terminou quando

Fig. 2 – Painéis narrativos do palácio de Nínive, do assalto à cidade de Lachish
(© The Trustees of the British Museum)



Ezequias solicitou um acordo de paz com Senaqueribe, oferecendo ouro do seu palácio e do templo, para salvar a sua capital e o que restava do seu reino, o que está em sintonia com o verso bíblico de II Reis 18:14, que diz: “*Então o rei da Assíria impôs a Ezequias, rei de Judá, trezentos talentos de prata e trinta talentos de ouro.*”

E embora o tributo dado por Ezequias tenha sido descrito pormenorizadamente nos prismas como: “*joias, móveis decorados com marfim, peles, presas de elefante, ébano, minério de antimônio, bem como as suas próprias filhas, o seu harém e os músicos*”, não é mencionada a captura da cidade de Jerusalém por Senaqueribe.

Este falhado cerco a Jerusalém é um episódio que tem intrigado historiadores e teólogos ao longo da História. Parece evidente que o cerco à cidade chegou ao fim sem qualquer confronto de magnitude considerável, mas permanece obscura a forma pela qual a situação foi resolvida e o que impediu o vasto exército assírio de subjugar a cidade.

O historiador grego Heródoto descreve o fracasso da operação como sendo resultante de uma “multidão de ratos do campo” que invadiu o acampamento, deixando os Assírios desarmados e forçando a sua fuga – que os investigadores creem tratar-se de uma metáfora para uma enfermidade contagiosa. E enquanto o verso de Isaías 37:33 e a passagem de II Crônicas 32:21 e 22 alegam a exterminação de grande parte do exército de Senaqueribe por intervenção de um “anjo do Senhor”, ferindo 185 mil soldados, o

registo epigráfico assírio é omissivo e mudo. Como era de esperar, esta pesada fatalidade não foi imortalizada nos anais prismáticos da Assíria.

Este é um de muitos exemplos em que o relato bíblico não coincide com os textos epigráficos arqueológicos, simplesmente porque nenhum rei deseja imortalizar para a posteridade as suas derrotas e os seus fracassos. Só as conquistas estão gravadas na pedra das grandes civilizações do Próximo Oriente, mas nas Escrituras Sagradas estão narradas as vitórias e as derrotas de Israel, pois elas servem para nos dar, ainda hoje, lições importantes de resiliência e de fé.

Como se evidencia, Senaqueribe exagerou na sua narrativa pormenorizada das vitórias e dos saques, silenciando-se quanto ao falhanço em conquistar Jerusalém, sem nunca mais o intentar novamente, acabando por regressar a Nínive, onde é assassinado pelos seus próprios filhos (II Reis 19:35-37).

Bibliografia

BEN ZVI, E. (2003) – *Malleability and its limits: Sennacherib's Campaign against Judah as a case study*. In GRABBE, Lester L. (Ed.). *Like a bird in a cage: The invasion of Sennacherib in 701 BCE* [Journal for the Study of the Old Testament; series 363]. London: Sheffield Academic Press, pp. 73-105.

LUCKENBILL, Daniel David (1924) – *The annals of Sennacherib*. The University of Chicago Press. Oriental Institution Publications. Volume II.

READE, Julian (1975) – *Sources for Sennacherib: The Prisms*. Journal of Cuneiform Studies. 27:4. The

University of Chicago Press, pp. 189-196.

RICHARDSON, Seth (2014) – *The First “World Event”: Sennacherib at Jerusalem*. In Isaac Kalimi and Seth Richardson (eds.). - *Sennacherib at the Gates of Jerusalem. Story, History and Historiography*. Leiden/ Boston, pp. 433-505.

TURNER, Geoffrey (1970) – *Tell Nebi Yunus: the Ekal Masarti of Nineveh*. Iraq. 32:1, pp. 68-85.

RODRIGUES, Gabriella Barbosa (2017) – *Judá sob os Assírios: O Cerco de Senaqueribe a Jerusalém em 701 a.C.* Horizonte. 15:47. Belo Horizonte, pp. 1030-1055.



RádioRCS
91.2 fm



radiorcs.novotempo.pt/
podcasts/olha-o-que-eu-vi

A caminhar

Olá, eu sou a Ana, e OLHA O QUE EU VI...

No fim de cada ano, tenho o hábito de fazer uma pequena lista com os objetivos, as metas, para o ano que se vai iniciar.

E este ano não foi exceção.

Ali pelos dias 30 ou 31 de dezembro, estive a escrever num papel os meus desejos para o novo ano que se iria iniciar.

Não sei se também costumavas fazer o mesmo, mas penso que uns 90% da população o fazem, mesmo que não escrevam nada. O mais engraçado de tudo isto é que mais de 80% do que escrevemos nunca se cumpre. Nem de perto, nem de longe. Simplesmente não acontece. É óbvio que esta percentagem é inventada por mim, mas, ainda assim, penso que é bastante realista. Mas certo é que, independentemente da percentagem e dos objetivos,

todos os anos lá estou eu a perder tempo a escrever a dita lista.

Mas, sabes, este ano fiz algo que nunca tinha feito. Uma avaliação do ano que passou.

Eu sei, é algo normal. Porém, eu nunca tinha parado para avaliar e analisar o ano que termina. O que eu fiz foi juntar todos os objetivos e todas as metas do ano anterior, os de que me lembrei, claro, e perceber o que tinha corrido bem, o que não tinha corrido assim tão bem, e analisar. Mas só fiz isto depois de ter escrito a tal listinha para 2024. E sabes uma coisa? Não é que o que eu tinha escrito para este ano é praticamente igual ao que eu tinha escrito para o ano passado?

Então fiquei a pensar... Há quantos anos é que eu devo ter os mesmos objetivos e as mesmas metas? E por-

quê? A resposta à primeira pergunta é fácil. Há quantos anos? Eu não sei. Mas que já é há bastantes, lá isso é. E a resposta à segunda pergunta também é simples. Não consigo cumprir porque me falta disciplina e consistência.

Imaginas o que eu fiz? Pois bem, tratei de mostrar que sou, ou melhor, que posso vir a ser disciplinada. E um dos objetivos era iniciar... Iniciar não, recomeçar, porque, ao longo da minha vida, eu recomecei muitas vezes este objetivo: recomeçar a minha vida “*fit*”. Com vida *fit* eu quero dizer uma rotina de boa alimentação e de exercício físico.

Mas olha, atenção, não é que eu tenha uma má alimentação, porque não tenho, mas podia ser melhor, mais verde, ou mais biológica, como se diz atualmente, se é que me entendes. E quanto ao exercício, não é que eu seja sedentária, não é que eu passe os meus dias no sofá. Eu caminho, mas pode não ser o suficiente. E, pensando bem, não é mesmo nada o suficiente. E pronto, este era o plano, o objetivo. Achas que eu, pelo menos, comecei? A realidade é que comecei. E comecei super entusiasmada. Ali, com a minha roupinha de desporto, a caminhar, já me sentia toda *fit* só pela roupa. Não sei se te acontece a mesma coisa quando fazes desporto, mas comigo foi assim.

Só que agora surge outra pergunta. Achas que eu ainda continuo? Pois, aí é que as coisas se complicam. Conseguir manter esta rotina por três semanas. Como é possível? Escrever isto até fere os meus sentimentos. Não é por mal que eu não consigo. São muitas as coisas que preenchem o meu dia e que tenho de fazer... Mas lá está, falta-me disci-

plina. Há uns tempos, li uma frase que se enquadra bem no que me aconteceu. A motivação leva-nos a começarmos algo, seja o que for, mas a disciplina é aquilo que nos leva a prosseguirmos e a continuarmos. E isto é, efetivamente, uma realidade. Mas o mais curioso é que, nestas semanas em que estava toda motivada, eu via também outras pessoas a fazerem o seu exercício. Notava-se que algumas estavam a começar, assim como eu. Mas, outras, via-se de longe que já treinavam há bastante tempo. E olha o que eu vi!

Nessas minhas idas até à ciclovia do Concelho onde vivo, vi uma jovem, não muito mais velha do que eu, vestida sempre a rigor com a sua roupa de *runner*. Em todos aqueles dias em que fui caminhar, ela passou por mim a correr num ritmo invejável (no bom sentido, claro). No início, ela nem olhava para mim, ia concentrada na sua corrida. Eu é que ficava a observá-la a correr e acabava sempre por elogiá-la na minha mente, pelo facto de ser consistente, e todos os dias, às 7h45, lá estar a correr. Na realidade, não era bem a palavra “consistência” que me vinha à mente. É óbvio que estava implícita, mas no meu pensamento soava a expressão “força de vontade”. Mas o que é isto de “força de vontade”? O que é isto de ser disciplinado? E lá está. Mais uma vez, curiosa como sou, fui fazer as minhas pesquisas. E “disciplinado” tem a ver com ser-se metódico e ordenado. Por outras palavras, uma pessoa disciplinada é aquela que não tira o foco da meta, independentemente dos obstáculos que possam aparecer pelo cami-



nho. Sendo que, na realidade, um dos maiores obstáculos acabamos por ser nós próprios, não achas? Assim, alguém disciplinado é uma pessoa organizada no seu objetivo, estás a ver?

Já sobre a “força de vontade”, alguns psicólogos afirmam que é a capacidade que nós temos de nos esforçarmos para atingir uma meta e é expressa pelo quanto nos damos para alcançar o objetivo. Isto engloba todo o processo, desde a elaboração de um plano, passando pela preparação, até à execução, para que se possa alcançar o nosso objetivo de modo eficiente. Ou seja, a força de vontade é a determinação, a autodisciplina e o autocontrolo que nos ajudam a atingir o alvo proposto. Mas sabias que é possível desenvolver a força de vontade? Primeiro, há que saber esperar, sem perder o foco. Coisa que a mim não me assiste nos últimos tempos. Outra forma é termos uma inteligência positiva, ou seja, deixarmos de nos autossabotar e deixarmos de culpar os outros pelos nossos fracassos. E não esquecer, obviamente, que quanto mais cedo começarmos a planear e a executar o pretendido, mais cedo nos vamos sentir autorrealizados. E não há nada nesta vida como nos sentirmos realizados, não concordas?

Voltando àquela jovem senhora. Ela teve de começar por algum lado, não é? Nem que tenha sido há dez anos. A questão é: ela começou e, pelo que vejo, continua. E sabes que, depois das três semanas, já passei várias vezes de carro ou de autocarro por aquela zona, à mesma hora que passava a caminhar. E o interessante é que ela ainda continua a correr. Foi pena eu ter deixado de ir. Mas não devo chorar sobre o leite derramado. Tenho de mudar o pensamento e dizer: “Vou voltar!” Porém, desta vez, tenho de dizer isto de forma diferente. Tenho de ter realmente um foco, um objetivo e ser consistente. Queres saber uma coisa interessante? Ao início, como te disse, aquela jovem nem sequer olhava para mim enquanto corria. Contudo, ao fim de alguns dias, devido à minha consistência e regularidade, ela passava por mim e já acenava com a cabeça. Como vês, a disciplina e a força de vontade até podem ser uma porta aberta para se fazer novas amizades. Bom, que grande “viagem” eu fiz! Tudo por ter visto algo tão simples como alguém a correr. Podemos realmente aprender coisas importantes só a observar o que se passa à nossa volta. E foi isto que eu vi!



Pedro Fernandes

—
Entrevistado por Tiago Nunes

Foi no ano de 1955, mais concretamente em julho de 1955, que abriu o primeiro local de culto da Igreja Adventista do Sétimo Dia na cidade de Espinho. Nessa altura, esta nova igreja Adventista tinha apenas dois membros: o irmão Pedro Fernandes e a esposa, a irmã Ana Fernandes. Estavam batizados há apenas um ano quando

se propuseram o desafio de abrir uma igreja na cidade de Espinho, conduzindo e liderando essa mesma igreja até setembro, altura em que a União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia enviou o primeiro Pastor para a igreja de Espinho.

Atualmente, a igreja Adventista do Sétimo Dia de Espinho vai já no seu terceiro local de culto, na sua terceira igreja, fruto do crescimento que foi verificando ao longo dos anos. Tudo começou com um anúncio de um curso bíblico por correspondência,

num jornal velho que servia para fazer embrulhos na loja da mãe do irmão Pedro Fernandes.

Acompanhe, nas próximas linhas, a história da conversão do irmão Pedro Fernandes, que deu início ao movimento Adventista na cidade de Espinho.

TN: Irmão Pedro Fernandes, segundo a informação que tenho, o movimento Adventista começou em Espinho, em julho de 1955. Foi assim mesmo, não foi?

PF: Exatamente. Com a abertura da primeira sala ou do primeiro templo, digamos. Era um templo pobre, mas era um templo para o serviço de Deus. Julho de 1955, sem falha!

TN: E quem foram os primeiros membros dessa sala?

PF: Eu e a minha mulher. Estávamos batizados há cerca de um ano. Foi então que a União resolveu abrir essa primeira presença em Espinho. Em setembro, veio residir em Espinho o Pastor Manuel Miguel, que seria o nosso primeiro Pastor.

TN: Qual era a sua religião antes de ser Adventista?

PF: Era simplesmente Católico. A minha família era toda Católica. Eu era um Católico que tinha feito a comunhão na igreja Católica de Espinho, aos dez anos, e que acompanhava a família nas várias digressões que fazia. Nomeadamente, a Fátima. Fui a Fátima algumas vezes. Mais tarde, já no período da adolescência, pertenci a um movimento Católico espinhense, designado como o Apostolado da Oração. Era dirigido por um Padre que vinha mensalmente

de Braga orientar os trabalhos. Todos os membros tinham de se confessar e de comungar, para que, nesse dia, fosse registada a sua presença. Portanto, eu era um jovem fiel à religião onde estava inserido.

TN: E como é que conheceu a mensagem Adventista?

PF: Bom, conhecer, conhecer, só conheci muito mais tarde. Mas, nessa altura, eu comecei a não ficar satisfeito com o que via e com o que sentia. Emprestaram-me um livro que era um resumo da Bíblia, que eu gostei muito de ler. Depois, uns vizinhos que eram Evangélicos ofereceram-me um Novo Testamento pequenino. Eu comecei a ler e comecei a gostar da leitura. Todos aqueles relatos do Novo Testamento me tocaram. E isso fez com que eu começasse a pensar um pouco mais em coisas mais sérias do que aquelas que estava a viver e a sentir com a juventude Católica de Espinho. Foi aí que comecei a desejar ler e aprender mais. Então, num certo dia, quando estava

Todos aqueles relatos do Novo Testamento me tocaram. E isso fez com que eu começasse a pensar um pouco mais em coisas mais sérias do que aquelas que estava a viver e a sentir com a juventude Católica de Espinho. Foi aí que comecei a desejar ler e aprender mais.

no estabelecimento da minha mãe, peguei num bocadinho de um jornal velho que servia para fazer embrulhos e vi um anúncio do Curso Bíblico por Correspondência que era gratuito. Pensei: “Quero conhecer mais sobre a Bíblia. A minha família é toda Católica, isso vai ser um problema, mas eu quero conhecer mais.” E inscrevi-me no dito curso. Foi assim que comecei a ter contacto com a Igreja Adventista do Sétimo Dia, mas sem saber que era a nossa Igreja que estava por detrás do curso. Tratava-se do Curso Bíblico da Escola Rádio Postal. E assim fui estudando durante cerca de dois anos. A certa altura, perguntaram-me se queria receber uma visita. Mas eu não podia, porque a minha família começou a desconfiar. Eu já não ia à missa, eu já não ia à organização de jovens Católicos, eu já não acompanhava tudo aquilo, eu já não queria ir a Fátima quando eles iam. Bom, o certo é que começou a haver problemas familiares. Assim, fui adiando qualquer possível visita, dizendo que preferia ir visitar quem representava a Escola, em vez de ser alguém da Escola a visitar-me.

TN: Há pouco dizia que era de uma família bastante Católica. Teve problemas quando assumiu a sua nova crença?

PF: Claro! E ainda mais problemas quando os meus familiares sentiram que eu estava decidido a seguir as crenças Adventistas. Porque, nesse ínterim, eu aceitei ir visitar uma igreja Adventista. Não sabia bem o que era. Mas decidi visitar a Rua Ferreira Cardoso, nº 163, no Porto. Marcou-se essa visita e, num domingo, fui eu e a minha

futura mulher, que também já estudava comigo as lições da Escola Rádio Postal. Receberam-me muito bem. Fui acolhido por um casal de obreiros extraordinário: o Pastor Júlio Pires e a esposa, Maria Augusta Pires. Foram os meus pais Adventistas. Porque foram eles que nos receberam. De tal modo nos receberam que nos cativaram, obviamente. Se já estávamos interessados, mais ficámos. Eles convidaram-nos a que fôssemos à igreja no Porto sempre que quiséssemos. E assim começou. Nós começámos a ficar ligados àquela família de obreiros e à igreja do Porto. Começámos a assistir aos serviços religiosos da igreja de vez em quando, aos domingos. Assim, a nossa vida foi-se orientando até tomarmos a decisão de nos unirmos à Igreja.

TN: Desde a altura em que tomou conhecimento da nossa Igreja através desse anúncio no jornal, quanto tempo se passou até ao seu batismo e ao batismo da sua esposa?

PF: Cerca de três anos e meio, quase quatro anos. Anos de estudo constante, para ter a certeza de que estava mesmo a estudar a verdade. Esse primeiro contacto com a Igreja através do jornal foi no ano de 1951. Em 1951, já tinha 18 anos. E aí eu já tinha lido muita coisa, já estava profundamente interessado no estudo da Bíblia. Assim, pedi emprestado ao dirigente do grupo Católico a que pertencia uma Bíblia. Uma Bíblia! Eu queria uma Bíblia! E a dita pessoa emprestou-me uma Bíblia na versão do Padre Matos Soares, com cinco volumes. E foi então que constatei o conteúdo dos Dez Mandamentos e outras partes re-

levantes da Bíblia. Vi que o estudo que estava a fazer com o Curso da Escola Rádio Postal batia certo com a Bíblia. Mas, nesse período, foi-se passando o tempo. Portanto, eu e a minha mulher batizamos-nos em 28 de agosto de 1954.

TN: Na igreja do Porto?

PF: Na igreja do Porto. E casámo-nos no dia seguinte, um domingo.

TN: Muito bem! Há pouco dizia ter recebido uma Bíblia e que queria uma Bíblia para confirmar as verdades que estava a aprender. A pergunta que eu lhe faço agora é: Entre os livros da Bíblia, qual é o seu preferido?

PF: Bom, eu não tenho praticamente livros preferidos. Claro que há livros mais gostosos de ler e outros mais maçudos. Mas, para mim, os livros principais são sempre os do Novo Testamento.

TN: Por alguma razão especial?

PF: Porque são eles que nos narram a vida de Jesus e, portanto, são mais recentes. Os mais antigos, os livros proféticos que fazem parte do Antigo Testamento, para mim também são interessantes. Claro que há um livro muito especial, muito interessante, que tem dois ou três textos muito importantes: o livro de Job. Especialmente aquele texto que diz: “Porque eu sei que o meu Redentor vive e que, por fim, se levantará sobre a terra.” O livro de poemas que nós temos na Bíblia também é um livro maravilhoso. Um livro de poemas que nós não compreendemos e eu não compreendi durante muito tempo. Nomeadamente porque, em língua portuguesa, não parece serem poemas. Mas, depois de ter



feito o curso de Teologia, fiquei a perceber um bocadinho mais. Estou a falar do livro Cantares de Salomão.

TN: Quanto a um versículo preferido, tem algum?

PF: Se dissermos que se está a aproximar o meu ponto final de vida, então eu olho para o versículo de Job 19:25 e acho que é o meu preferido. Mas há outros. Especialmente aqueles versículos em que Jesus dá a demonstração do Seu poder, da Sua identidade divina. Por exemplo, quando Ele diz a Filipe: “Queres conhecer o Pai? Mas quem me vê a mim vê o Pai!” Este versículo é tão importante, mas dá-me a impressão de que muitos dos nossos membros de Igreja ainda não o entenderam. As Epístolas do Novo Testamento são extraordinárias, porque são mesmo cartas escritas pelos apóstolos, não são uma narração. O livro de

Atos também é muito importante. Na verdade, nós não podemos excluir nenhum livro da Bíblia.

TN: Antes mesmo de se ter tornado Adventista, já era um homem religioso, já acompanhava um grupo de jovens crentes da Igreja Católica. A pergunta que lhe faço agora é a seguinte: Nesta caminhada cristã, qual foi o momento em que Deus deixou de ser para si apenas uma palavra e passou a ser Alguém que tem uma influência determinante na sua vida?

PF: Deus teve sempre uma influência determinante na minha vida. Mesmo quando eu era Católico. E vou-lhe dizer porquê. Eu vivi a minha adolescência com muitos problemas. Era órfão de pai desde os meus 12 anos. E a minha vida não tinha futuro. Eu queria ter estudado, eu queria ter avançado, mas a minha família não tinha dinheiro que me permitisse estudar. Estudar, naquela época, custava muito dinheiro. E assim eu sentia-me angustiado. Um jovem que não tinha futuro.

Vim orar, vim pedir àquele Cristo, que estava ali representado, que me ajudasse.

Porque eu também não tinha nada. Penso que, naquela hora, aconteceu um milagre. Porque a minha mente começou a pensar mais fundo, mais longe e com mais força. Deus fez um milagre.

Eu era apenas o marçano da loja da minha mãe. Uma lojinha pobrezinha de pequeno comércio. Eu não tinha profissão, não tinha projeto de vida, não tinha nada. Ora, um dia, apareceu-me um rapaz, mais ou menos da minha idade, a chorar, quase a gritar: “Sou um desgraçado, não tenho nada, tenho fome.” A minha mãe deu-lhe alguma coisa como pôde. Nós também não tínhamos muito. Eu fiquei impressionado com aquele rapaz. Fiquei tão impressionado que vim para o meu quarto a chorar. Porque eu também não tinha futuro, não tinha nada. Já não tinha pai. A minha mãe vivia de um pequeno comércio. No meu quarto havia um quadro que era muito popular no mundo Católico. Era o chamado “Coração de Jesus”. Eu, com 14 anos, vim ajoelhar-me junto à minha cama, porque tinha o dito quadro ao fundo. Vim orar. Não vim rezar o “Pai Nosso” ou a “Ave Maria”. Vim orar, vim pedir àquele Cristo, que estava ali representado, que me ajudasse. Porque eu também não tinha nada. Penso que, naquela hora, aconteceu um milagre. Porque a minha mente começou a pensar mais fundo, mais longe e com mais força. Deus fez um milagre.

TN: Essa era a pergunta que eu lhe ia fazer a seguir. Em relação a milagres – qual teria sido o maior milagre na sua vida. Mas faço-lhe outra pergunta: O que representa para si a pessoa de Jesus Cristo?
PF: Bom, Cristo é parte integrante da Divindade. Cristo devia representar para a Humanidade a presença de Deus em Pessoa. A humilhação a que Deus Se sujeitou. Cristo é Deus feito



homem, é Deus representado na Terra, é Deus a ensinar ao Homem o caminho a seguir, é Deus a fazer pelo Homem tudo o que o Homem precisava, porque não podia fazer sozinho. Esse é o Jesus que mudou a minha vida.

TN: Se tivesse a oportunidade de passar um dia com algum personagem bíblico, para além de Jesus, qual seria?

PF: Bom, não sendo Jesus, seria muito difícil. Mas há um personagem bíblico que se sobrepõe a todos os outros: Paulo. Admiro muito Paulo. Podemos dizer que o Cristianismo chegou aos dias de hoje muito graças ao apóstolo Paulo. Se não fosse o apóstolo Paulo, eu desconfio de que o Cristianismo não teria saído da Palestina.

TN: Para terminar, pergunto-lhe: Mantém, ainda hoje, a sua esperança na vida eterna numa Nova Terra?

PF: Absolutamente! A minha grande esperança é que Deus finalmente po-

nha fim a estes desmandos e às coisas horríveis que acontecem no nosso mundo e construa tudo de novo. Quando Deus me reconstruir, quando Deus o reconstruir, nós seremos novas criaturas, com direito a viver eternamente. Essa é a vida eterna. Essa é a salvação. Salvação de quê? Da morte eterna. Eu quero viver eternamente! E essa é a salvação que Deus oferece na Pessoa de Jesus Cristo. Porque nos limpa do nosso pecado e nos dá um direito que não temos.

TN: Irmão Pedro Fernandes, quero agradecer-lhe por ter aceitado o nosso convite e ter participado nesta entrevista. Foi realmente um gosto ter conversado consigo!



ASSISTA A ESTA ENTREVISTA:

Dois de Letra: Pedro Fernandes | Episódio 1

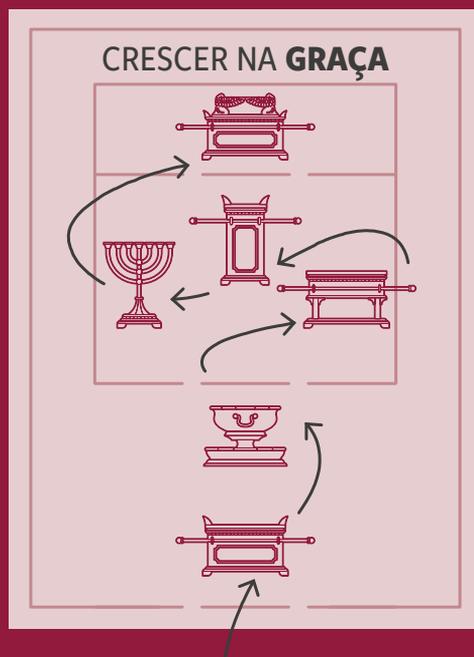
Uma história real

Durante estes próximos doze meses, iremos, com a ajuda de Deus, estudar este soberbo amor de Deus através de um estudo do Santuário, e veremos como aplicar esse estudo no nosso dia-a-dia.

É o apóstolo Pedro que nos lança este sublime desafio: “Antes cresci na graça e conhecimento de nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo. A ele seja a glória, assim agora, como no dia da eternidade. Amém” (II Pedro 3:18).

Durante estes próximos doze meses, iremos, com a ajuda de Deus, estudar este soberbo amor de Deus através de um estudo do Santuário, e veremos como aplicar esse estudo no nosso dia-a-dia. Vou introduzir este sublime tema com uma história real que nos mostra esta “Graça de Deus”, muitas vezes incompreendida.

Certo dia, um zeloso irmão aproximou-se de mim e disse-me: “Pastor, temos um problema grave na igreja. Há uma jovem [à qual daremos o nome fictício de Maria] que é líder do clube de Tições da nossa igreja, mas que está a ter um comportamento inadequado para um membro de Igreja. Não foi ninguém que me contou, fui eu próprio que



vi. O Pastor tem de tomar providências para chamar à atenção esta jovem e para a advertir seriamente. Se ela não aceitar a repreensão e continuar com o mesmo comportamento, então teremos de levar o caso perante o Conselho de Igreja e tomar medidas mais rigorosas. O problema está relacionado com o tabaco. Vi a Maria com umas colegas e ela estava a fumar, como todas as outras.”

Agradei àquele irmão pelo seu zelo e pedi a sua colaboração, dizendo-lhe: “Tenho a certeza de que o irmão, bem consciente da presente condição da Maria, já começou a orar por ela. Porém, quero pedir-lhe que, entre os dois, possamos, durante os próximos quinze dias, fazer uma forte cadeia de oração por ela. Perante o seu testemunho, este é um assunto sério, pois estamos diante de alguém a quem o inimigo prendeu. A vida eterna da Maria está em perigo. Assim, *temos de lutar com Deus*’, como Jacob

fez: ‘Não te deixarei enquanto não me abençoares.’ Por outras palavras: ‘Não Te deixarei enquanto não libertares esta jovem.’ Ao fim dos quinze dias eu irei, na força do Senhor, ter com ela para falar do assunto.” Aquele irmão prontamente aceitou o desafio e acredito que ambos nos envolvemos de alma e coração no nosso objetivo.

Confesso que havia dois grandes pedidos no altar do Senhor ao longo dos quinze dias de oração. Permitam-me que me demore a explicar, com algum detalhe, a razão dos meus pedidos.

O primeiro pedido era que fosse o Espírito Santo, pelos méritos de Cristo, a preparar o meu coração para que eu, com a sabedoria divina, soubesse erguer a Maria. Tinha bem presente as palavras de Paulo aos Gálatas, no primeiro versículo do capítulo 6: “Irmãos, se algum homem chegar a ser surpreendido nalguma falta, *vós, que sois espirituais*, encaminhai o tal com espírito de man-

sidão; olhando por ti mesmo, para que não sejas também tentado.” O capítulo 6 trata de vários assuntos relacionados com a vida cristã e a liberdade em Cristo. Neste versículo, Paulo orienta os irmãos na fé sobre como lidar com alguém que cometeu algum tipo de falta ou de pecado. Ele enfatiza que, se alguém for surpreendido numa falta, ou seja, se alguém for descoberto num erro ou num pecado, somente aqueles que “são espirituais” é que devem corrigi-lo. O que significa isto?

Ao mencionar “vós, que sois espirituais”, Paulo está a referir-se aos Cristãos maduros, que estão firmes na fé e que têm um relacionamento íntimo com Deus, isto é, aqueles que vivem e se deixam conduzir pela influência do Espírito Santo. Esta frase mostra que não é qualquer pessoa que deve corrigir, mas apenas aqueles que, no momento, estão debaixo dessa santa influência. Ele realça que aqueles



que estão espiritualmente fortes e sólidos devem ajudar e corrigir aqueles que caíram em falta, em vez de julgá-los ou condená-los.

Atentemos para o exemplo de Cristo nas palavras de Ellen G. White: “Embora Jesus conhecesse Judas desde o princípio, lavou os seus pés. E o traidor teve o privilégio de se unir com Cristo na participação do sacramento. *Um Salvador paciente empregou todo o incentivo para o pecador O receber, arrepender-se e ser purificado da contaminação do pecado. Este exemplo é para nós. Quando supomos que alguém está no erro e no pecado, não nos devemos afastar dele. Não devemos, por indiferença, deixá-lo ser presa da tentação, ou empurrá-lo para o terreno de Satanás. Este não é o método de Jesus. Foi porque os discípulos erravam e cometiam faltas que Ele lhes lavou os pés, e todos, com exceção de um dos Doze, foram assim levados a arrependerem-se.*” (Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 603, ed. P. SerVir, 2017.)

Paulo também exorta os crentes a corrigirem o irmão com “espírito de brandura”. Isso significa que eles devem abordar a situação com amor, compaixão, humildade e gentileza, ao invés de agir com dureza ou arrogância, como que estando isentos de pecado. A intenção é restaurar a pessoa que errou, ajudando-a a reconhecer o

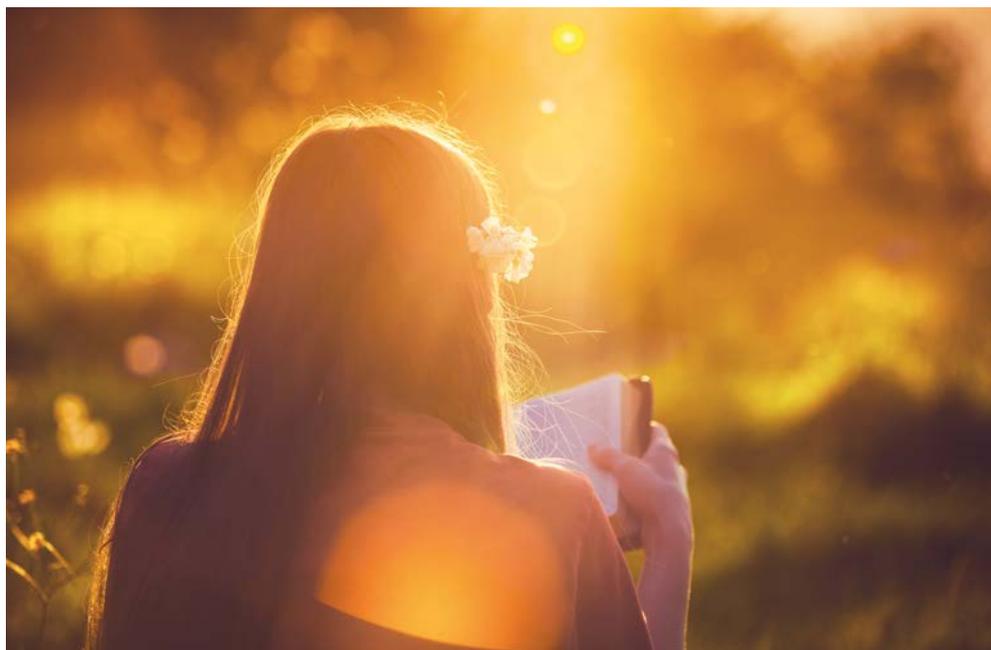
**Era importantíssimo
que o Espírito Santo
atuasse primeiro do
que eu.**

seu pecado e a arrepender-se, em vez de simplesmente apontar os erros.

Além disso, Paulo alerta aqueles que corrigem para que tenham cuidado, a fim de não serem também tentados. Isso indica que, ao confrontar alguém que cometeu um erro, é importante que também esteja consciente da sua condição de pecador e esteja vigilante para não cair na tentação da crítica barata sem qualquer benefício. É um lembrete de que todos estamos sujeitos à fraqueza humana. Queria muito que o Senhor me ajudasse a abordar a Maria, seguindo o exemplo do Salvador em busca da ovelha perdida.

O segundo pedido era que fosse o Espírito Santo a preparar o coração da Maria. Mais uma vez, a Palavra do Senhor é clara quando diz que é o “*Consolador que convence do pecado*” (João 16:8). Se não for o Espírito Santo, por mais elaborado que seja o meu discurso, nunca terei sucesso em convencer seja quem for. Era importantíssimo que o Espírito Santo atuasse primeiro do que eu.

Ao fim dos quinze dias, procurei o encontro com a Maria e, depois de falarmos um pouco sobre algumas atividades de jovens da igreja, das quais ela era líder, comecei a balbuciar o meu discurso. Comecei por dizer algo no qual refletia com muita frequência: que tinha um grande apreço pelos jovens, porque nos meus tempos de juventude não havia tantos e tão sofisticados apelos à tentação, como os que eles enfrentam nos dias de hoje. E vai ser cada vez pior, porque afirma a Escritura: “Ai dos que habitam na terra e no mar! Porque o diabo desceu a vós e tem



grande ira, sabendo que já tem pouco tempo” (Apocalipse 12:12).

Com sinceridade e sem querer escamotear a verdade, mencionei que também estava consciente de que, às vezes, os jovens trilhavam a vida espiritual com algumas falhas nos valores cristãos, mas ainda assim não deixavam de vir à igreja, nem de participar nas atividades. Para mim, esta é a certeza de que, embora conscientes dos erros, queremos continuar a lutar pela vitória nesta tremenda batalha.

Neste momento da conversa fui interrompido, tendo, naquele instante, vivido um dos momentos mais bonitos do meu ministério. A Maria começou por dizer: “O Pastor parece que é bruxo.” “Então porquê?”, perguntei eu. Acredito que, influenciada pelo Espírito Santo, em resposta às nossas orações durante aqueles quinze dias, aquela jovem teve uma abertura de coração completa. Não foi necessário eu perguntar

nada. O Consolador tinha feito o Seu trabalho, da forma que só Ele pode fazer. Com abundantes lágrimas a correrem-lhe pela face, a Maria contou-me todo o drama que estava a viver.

“Pastor, há bastante tempo que me deixei influenciar por algumas colegas minhas e adquiri um hábito tremendamente nocivo para a minha saúde. Agora fumo. Sei que estou errada, já tentei algumas vezes libertar-me deste vício, mas não tenho conseguido. Ainda na semana passada, faz hoje oito dias *[curioso que foram oito dias depois de termos começado a orar...]*, orei muito a Deus para que me desse a libertação da minha prisão. Na segunda-feira, quando fui para a escola, ia com a firme decisão de não fumar. Nos intervalos entre as aulas, procurava afastar-me para não estar junto de alguém que estivesse a fumar e, ao mesmo tempo, suplicava a Deus por socorro. No terceiro intervalo, as minhas colegas aperceberam-se

de que eu não estava bem e começaram a procurar-me. Quando chegaram junto de mim, vinham a fumar. Pedi-lhes que me deixassem um pouco só, naquele dia, e fui para a casa-de-banho para ver se encontrava ali uma cabine vazia, com um único propósito: clamar a ajuda de Deus. Quando lá cheguei, todas as cabines estavam ocupadas e estavam lá outras colegas a fumar.”

Os soluços e as lágrimas tornaram-se mais intensos quando aquela jovem me confessou que não resistiu e que continuou a fumar durante toda a semana. Com choro quase compulsivo, a Maria concluiu: “Sabia que não o devia fazer, mas fiz. Pior ainda, persisti, e agora Deus já não me ouve. Está completamente de costas voltadas para mim. Já não tenho solução, Pastor. Quem me dera que Jesus Cristo estivesse aqui como esteve com os discípulos naquele tempo. Tenho a certeza de que, se estivesse na Sua presença direta e Lhe apresentasse o meu caso, Ele me ouviria, me perdoaria e me libertaria.”

Permaneci em silêncio aquele tempo todo, permitindo que a Maria extravasasse toda a frustração, toda a culpa e toda a tristeza que enchiam o seu coração. Durante esse silêncio profundo, mas ativo, refleti: “Nem aquele irmão que falou comigo, nem eu mesmo, nem ninguém na igreja sabia da luta titânica que aquela jovem estava a viver.” Quando, sem qualquer receio, a Maria confessou o seu erro, imaginei Cristo a dizer-lhe: “Hoje, veio a salvação a esta casa, pois também esta é filha de Abraão” (Lucas 19:9). Louvo o Senhor porque o Espírito Santo não desistiu dela, apesar de o inimigo a ter prendi-

Quando reconhecemos os nossos erros e os confessamos, implicitamente estamos a dizer que não merecemos nada e que a nossa única solução é a morte substituinte de Jesus no nosso lugar.

do, assim como não desistiu de David, quando este clamava: “Porque males sem número me têm rodeado; *as minhas iniquidades me prenderam* de modo que não posso olhar para cima. São mais numerosas do que os cabelos da minha cabeça; assim desfalece o meu coração” (Salmo 40:12). “Pois já as minhas iniquidades ultrapassam a minha cabeça; como carga pesada são de mais para as minhas forças” (Salmo 38:4).

Depois, com muita calma e perante aquele grito de socorro, comecei a mostrar à Maria que ela não era a única a viver esta incerteza da presença de Deus. Apresentei dois exemplos bíblicos que assinalam esta dificuldade humana. Um deles, e que tem um peso tremendo por ter sido alguém de quem o próprio Deus deu um testemunho excelente, foi Job. Deus disse de Job: “Porque ninguém há na terra semelhante a ele, homem íntegro e reto, temente a Deus, e que se desvia do mal” (Job 1:8). Este homem, que mereceu de Deus uma tal declaração, foi o mesmo que, no momento da sua aflição, disse: “Ainda hoje a minha queixa está

em amargura; a minha mão pesa sobre o meu gemido. *Ah, se eu soubesse onde o poderia achar!* Então me chegaria ao seu tribunal. Exporia ante ele a minha causa, e a minha boca encheria de argumentos. Saber as palavras com que ele me responderia, e entenderia o que me dissesse. Porventura segundo a grandeza do seu poder contenderia comigo? Não: antes ele me atenderia” (Job 23:2-6).

“Maria”, disse-lhe eu, “Job era um homem de Deus, mas, no meio da aflição, também não conseguia perceber a razão da ‘suposta ausência’ divina, mas a verdade é que Deus estava presente e estava prestes a revelar-Se de uma forma espantosa. O teu grito de socorro tem muitas parencas com o grito de Job: ‘Se eu soubesse onde o poderia encontrar’, ‘Se eu pudesse estar na presença de Jesus’. Não foi por acaso que o Senhor proporcionou hoje este teu encontro comigo. Talvez não o saibas, Maria, e até pode parecer um paradoxo aquilo que vou dizer-te agora, mas tu estás a viver um dos momentos altos da tua vida espiritual. Sabes porquê? Fizeste a coisa mais sublime que Deus espera de um ser humano: o reconhecimento da sua condição pecaminosa. A melhor maneira de exaltar Cristo é quando nos apresentamos diante d’Ele vestidos de vestes de salvação, como diz o profeta Isaías: ‘Regozizar-me-ei muito no Senhor, a minha alma se alegrará no meu Deus; porque me vestiu de roupas de salvação, cobriu-me com o manto de justiça, como um noivo se adorna com turbante sacerdotal, e como a noiva que se enfeita com as suas joias’ (Isaías 61:10). Quando o mesmo profeta tem a visão

O Senhor quer que eu cresça nessa Graça e no conhecimento de Jesus como meu Salvador.

do trono de Deus e viu a Sua majestade e santidade, exclamou: ‘Ai de mim! Pois estou perdido; porque sou um homem de lábios impuros, e habito no meio de um povo de impuros lábios; e os meus olhos viram o Rei, o Senhor dos Exércitos’ (Isaías 6:5). Quando reconhecemos os nossos erros e os confessamos, implicitamente estamos a dizer que não merecemos nada e que a nossa única solução é a morte substituinte de Jesus no nosso lugar. Foi o que tu acabaste de fazer, mesmo sem teres plena consciência disso. Este é o verdadeiro sinal de que o Espírito Santo está a trabalhar no teu coração e de que, por isso, não te abandonou”. A Maria inverteu os seus pensamentos de culpabilidade, aceitou a graça de Deus e recobrou o ânimo. Prometi uma forte intercessão por ela durante toda a semana e combinámos um determinado sinal, a dar no Sábado seguinte na igreja, a fim de saber como tinha corrido a sua batalha contra o vício durante a semana. O rosto da Maria resplandecia de alegria quando nos cruzámos no Sábado, e fez-me o sinal combinado de que Jesus tinha obtido a vitória durante toda a semana.

Isto é a Graça prometida ao pecador... E o Senhor quer que eu cresça nessa Graça e no conhecimento de Jesus como meu Salvador.

Convido-o a estar atento a este enorme, mas saboroso, desafio!



ESPÍRITO DE PROFECIA

Daniel Vicente | Diretor do Serviço de
Espírito de Profecia da UPASD

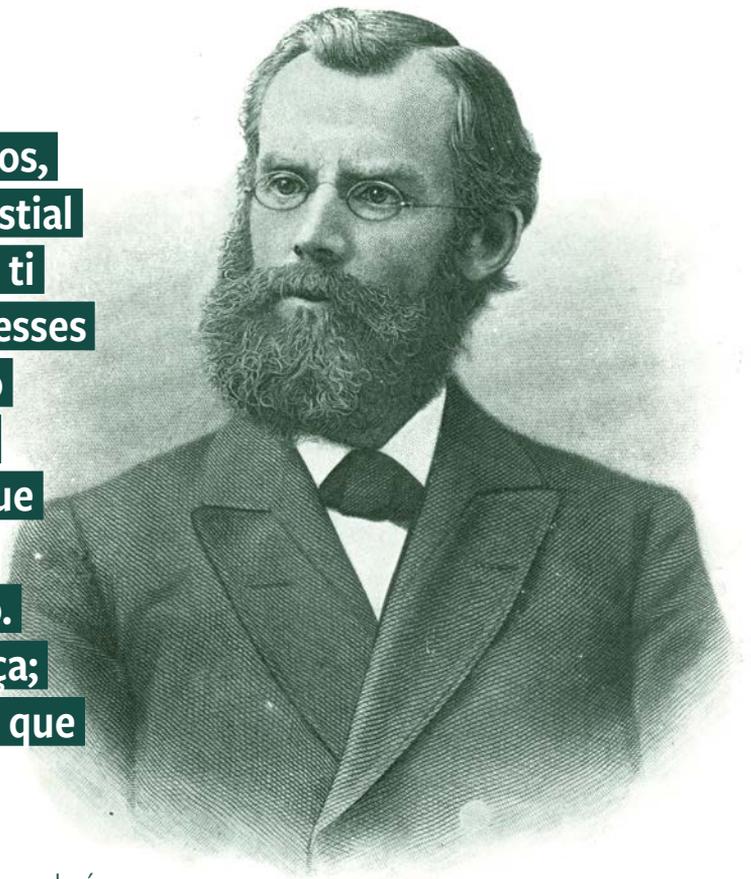
150 anos de Adventismo oficial na Europa: John N. Andrews

No ano em que se comemoram os 150 anos da chegada de John N. Andrews à Europa, isto é, da chegada do primeiro missionário oficialmente enviado à Europa pela Igreja Adventista do Sétimo Dia, iremos publicar uma série de artigos neste espaço sobre o contributo de Ellen G. White para o desenvolvimento da obra Adventista no Velho Continente.

Dez anos antes, a 14 de maio de 1864, Michael B. Czechowski tinha saído da América do Norte, rumo à Europa, por iniciativa própria. Não foi enviado oficialmente pela Igreja. Oportunamente, dedicaremos algum espaço para assinalarmos o percurso, na Europa, deste ex-sacerdote Católico. Mas voltemos a John N. Andrews.

Andrews tinha deixado a América acompanhado do seu filho Charles e da sua filha Mary, depois de ter perdido a sua esposa, Angeline, vítima de um AVC. Infelizmente, já como missionário na Suíça, veio também a perder a sua filha Mary, em 1878, por causa da tuberculose. Ellen G. White escreveu a Andrews: “Todas as palavras de consolo que eu possa dar-te não valerão muita coisa. Conheces a Fonte da tua força e do teu consolo. Não és estranho a Jesus e ao Seu amor. Estás entre muitos para os quais a vida é um longo conflito de dor, fadiga e decepção. A esperança diferida tem

**“Se os teus olhos
pudessem ser abertos,
verias o teu Pai celestial
inclinando-Se sobre ti
com amor, e se pudesses
ouvir-Lhe a voz, isso
se daria em tons de
compaixão por ti, que
estás prostrado em
sofrimento e aflição.
Firma-te na Sua força;
há descanso para ti, que
estás cansado.”**



entristecido o coração, mas este mundo é o cenário das nossas aflições, dos nossos pesares, das nossas tristezas... Se os teus olhos pudessem ser abertos, verias o teu Pai celestial inclinando-Se sobre ti com amor, e se pudesses ouvir-Lhe a voz, isso se daria em tons de compaixão por ti, que estás prostrado em sofrimento e aflição. Firma-te na Sua força; há descanso para ti, que estás cansado.”¹

Ellen G. White tinha advertido Andrews, em 1874, de que ele se deveria casar novamente, antes de partir para a Europa, para que pudesse ter o apoio de uma companheira na educação dos seus dois filhos e tivesse uma auxiliadora nos seus trabalhos. Andrews decidiu não o fazer.

Ao se ter apercebido das dificuldades que Andrews estava a ter junto dos Adventistas na Europa, Ellen G. White escreve aos irmãos Adventistas do Sétimo Dia na

Suíça, admoestando-os por não estarem a colaborar com John Andrews como deveriam, apesar de os irmãos americanos lhes terem enviado o seu homem mais capaz e mais experiente: “Andrews deixou a sua mãe idosa, o seu único irmão (o seu irmão ele não o encontrará novamente até que o reencontre ao redor do grande trono branco) e muitos amigos na América para obedecer ao chamado de Deus e entrar nesse novo campo missionário. Ele foi até vocês com grande sacrifício. Receberam-no com desconfiança, dúvida e ciúme; não o acolheram nos vossos corações como um verdadeiro servo de Jesus Cristo. Nisto entristeceram o vosso Salvador.”²

¹
Ellen G. White, *Carta 7*, 1878.

²
Ellen G. White, *Carta 2*, 1878.



Conceição Lagoa

Diretora-Associada da Área da Família da
UPASD para os Ministérios da Criança

Rute

“Rute, porém, respondeu: Não me obrigues a deixar-te, e a separar-me de ti. Eu irei para onde fores, viverei onde viveres. O teu povo será meu povo e o teu Deus será meu Deus” (Rute 1:16).

Olá, amiguinhos! Permitam-me saudar-vos à maneira de **Rute**, uma mulher cuja vida é um exemplo de fidelidade, coragem e amor incondicional.

Rute era uma **Moabita** que viveu no período dos Juízes. Ela casara com **Malom**, um **Israelita**, que era o filho mais velho de **Eli-meleque** e de **Noemi**. Depois de Noemi ficar **viúva**, a própria Rute também enviuvou. Sem marido e sem filhos, Noemi decidiu retornar à sua terra, dirigindo-se a **Belém Efrata**. Rute

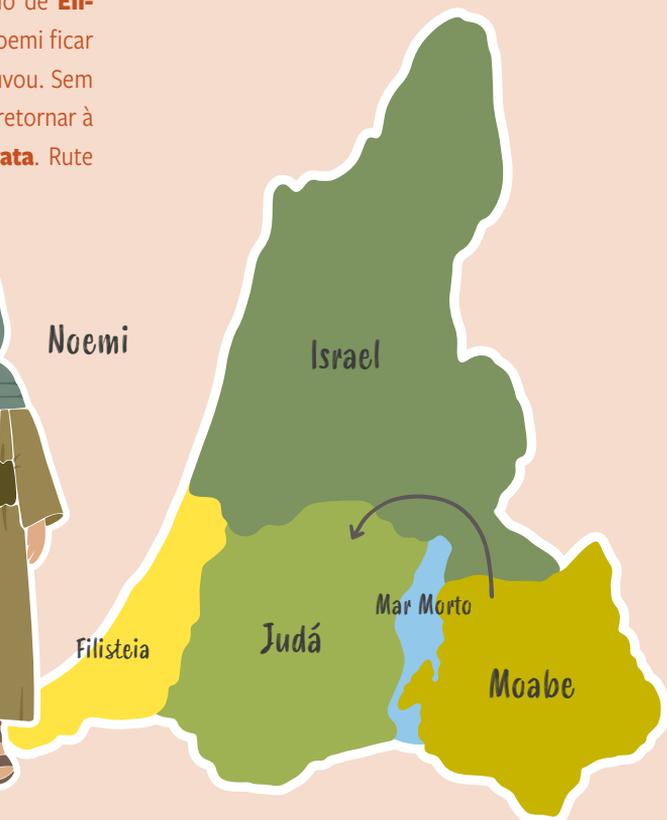
escolheu acompanhar a sua sogra, Noemi, a Belém, e mostrou um amor e uma dedicação notáveis. A jovem moabita adotou a nacionalidade e o **Deus** da sua sogra.

Para sobreviver, durante a colheita da **cevada**, Rute foi apanhar **espigas** caídas nos

Rute



Noemi



campos de **Boaz**, um rico **parente** de Elimeleque e de Noemi. Procurava, assim, obter algum sustento que lhe permitisse escapar à fome. Boaz notou a **beleza** de Rute e a sua **fidelidade** a Noemi e convidou-a a comer juntamente com os seus trabalhadores, tendo-a favorecido durante toda a colheita da cevada e do trigo.

Então Boaz disse a Rute: «Ouve, minha filha. Não precisas de ir apanhar espigas a outros campos; não saias deste e chega-te às minhas ceifeiras. Repara em que parte do campo elas estão a ceifar e vai atrás delas. Eu dou ordens aos meus homens para não te incomodarem. E quando tiveres sede, vais beber às bilhas donde eles bebem também.» Rute 2:8 e 9.

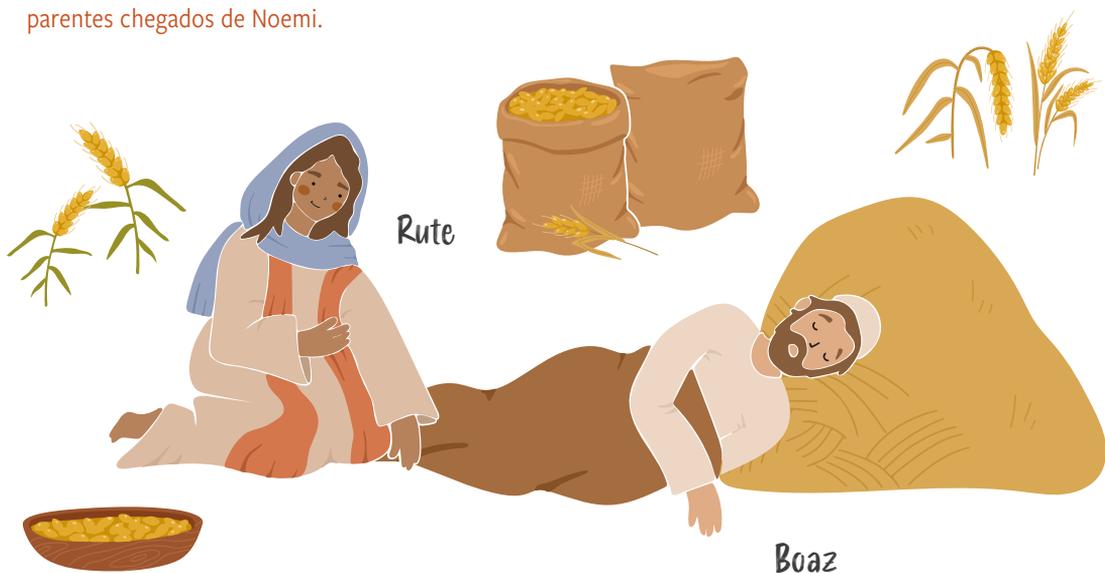
Quando Rute contou a sua experiência a Noemi, esta disse-lhe que Boaz era um dos possíveis **redentores** que as poderia **ajudar**. Seguindo instruções de Noemi, Rute aproximou-se de Boaz na eira, à noite, onde os cereais estavam a ser malhados, e pediu a Boaz que a **redimisse**, uma vez que ele era um dos parentes chegados de Noemi.

E Noemi disse-lhe: «O Senhor, que é bom para os vivos e para os mortos, o abençoe.» E disse-lhe ainda: «Esse homem é nosso parente chegado e um dos que têm a responsabilidade de nos proteger.» Rute 2:20.

Boaz prometeu que, se um parente mais chegado não estivesse disposto a casar-se com Rute, conforme a **lei do casamento de levirato**, ele se apresentaria como parente redentor e casaria com ela.

Apoiado por **10 testemunhas**, Boaz abordou o parente mais chegado de Noemi para que este redimisse o terreno que pertencera a Elimeleque, de modo que este continuasse na família, e também para que ele casasse com Rute, conforme a lei do casamento de levirato. O parente mais chegado recusou casar com Rute, dando a Boaz o direito de o fazer como redentor seguinte na linhagem familiar de Noemi.

Assim, **Rute casou-se com Boaz**. O primeiro **filho** do casal foi **Obede**, que foi adotado por Noemi, de modo a continuar o nome de Elimeleque. Obede foi o **pai de Jes-**



Boaz



Rute

sé e o avô do rei David. Dado que David foi um distinto **antepassado de Jesus**, podemos concluir que Rute foi também uma antepassada de Jesus. **Na sua genealogia de Jesus, o evangelista Mateus menciona Rute como a mulher de Boaz que fez parte da linhagem de Cristo.** Repara que, nesta genealogia, são mencionados muitos homens, mas apenas três mulheres. Rute é uma delas.

As outras mulheres disseram então a Noemi: «Louvado seja o Senhor, que te deu hoje alguém para tomar conta de ti. Que esse menino venha a ser famoso em Israel. A tua nora, que tanto te ama, e que significa para ti mais do que sete filhos, deu-te um neto, que irá renovar a tua vida e te servirá de amparo na velhice.» Rute 4:14 e 15

Quero destacar a importância da fidelidade a Deus e ao próximo, tal como Rute exemplificou. Ela demonstrou **amor, compaixão** e um **espírito de serviço** que a tornaram numa figura inspiradora das Escrituras. Nunca abandonou a sua sogra e revelou ser uma fiel nora. A sua conversão à religião de *Yahweh*, o

Deus verdadeiro adorado pelos Israelitas, foi um exemplo para muitas outras mulheres não-israelitas que, ao longo da história do povo de Deus, se dedicaram a adorar o Criador. **O modo como Deus abençoou Rute, ao fazer dela uma das mulheres na linhagem do Messias Jesus, deveria fazer-nos pensar em imitar o seu exemplo.** Tu também podes ser fiel e consagrado como Rute foi. **Quem sabe se, um dia, Deus não te escolherá para desempenhares um papel importante na verdadeira Igreja de Deus e entre o verdadeiro povo de Deus que aguardar o regresso de Jesus? Se fores fiel como Rute, poderás ser abençoado como ela foi.**

Espero que esta mensagem seja uma oportunidade para nos inspirarmos na vida de Rute e para cultivarmos o **amor**, a **fidelidade** e a **generosidade** na nossa própria vida. Que possamos ser **instrumentos do amor de Deus**, assim como Rute foi na sua jornada de fé!

Pensamento sobre Rute

“As Escrituras contêm **ternas histórias de amor**, tais como a de Jacob e Raquel, e a comovente história de Rute, a Moabita, que através do seu casamento com Boaz se tornou num **elo na genealogia do Messias.**” – Ellen G. White, *Cartas a Jovens Namorados*, p. 7.

Obede



Noemi



Projeto Aliança mobiliza 20 voluntários que trocam férias por trabalho social

02 out 2023 | Departamento de Comunicação do Grupo Aliança

Membros do Grupo Aliança e jovens de várias regiões do país decidiram dedicar parte das suas férias para auxiliar uma comunidade e famílias carenciadas. O programa aconteceu em Valença do Minho, no mês de agosto, no período entre 17 e 27. Estiveram envolvidas 20 pessoas, que realizaram atividades com crianças, jovens, adultos e idosos.

Apesar da atividade Aliança oficialmente ter começado a 17 de agosto, podemos dizer que começou 24 horas antes, já que Celestino Silva deu “o pontapé de saída” na véspera, pelas 16h00, no centro do Porto, empreendendo uma caminhada solitária de cerca de 120 quilómetros até ao local de alojamento do Grupo, a Escola Básica de Valença.

A atividade para a comunidade valenciana começou com uma caminhada com cerca de cinco quilómetros, denominada “Eu vou, nós vamos”, que contou com 80 participantes. Durante a mesma, a meio do percurso, a enfermeira Laura Teixeira dinamizou o *Workshop* “Cultivando a Gratidão”.

Nos dias seguintes, foram realizadas ações voltadas para as crianças, como uma *Expo-Kid*, um *Workshop* sobre “Dicas para uma Alimentação Saudável” e uma Oficina da Criança. Estes programas ofereceram atividades recreativas, jogos e brincadeiras com o objetivo de não só entreter, mas também ensinar e formar. Nos quatro ATL´s inscreveram 72 crianças e estiveram presentes 14 técnicos e assistentes operacionais nas diferentes atividades.

A meio da semana, o Grupo Aliança separou um dia inteiro para limpar e organizar a casa de um habitante solitário numa Freguesia de Valença. Talvez esta tenha sido a experiência mais motivadora, desafiante e comovedora. Foram retirados dezenas de sacos enormes de roupa e adereços diretamente para o lixo. Foram lavadas e secas cerca de três dezenas de peças de roupa, mais cobertores e tapetes. Mobiliário, em estado muito degradado, foi desmantelado e deitado ao lixo. Este habitante não possui, em sua casa, nem água canalizada nem luz. No final da nossa intervenção, foi emocionante o abraço, o sorriso no seu rosto e uma pequena frase por de mais significativa: “Muito obrigado. Esta casa está, agora, o que era há 30 anos [quando os seus pais eram vivos].”

A atividade terminou com cinco visitas a Lares de Terceira Idade/ Centros de Dia nos últimos dois dias. Cerca de 120 idosos usufruíram de momentos inesquecíveis, com música, animação e abraços. De referir o acontecimento inédito de termos realizado o *Workshop* de alimentação, atrás re-

ferido, também com a presença de 32 idosos. Quer as crianças (cerca de 23) quer os idosos confeccionaram o seu lanche. As crianças fizeram uma *pizza* individual e os idosos fizeram uma espetada com vários ingredientes saudáveis e adequados para a faixa etária. As nossas *chefs* de serviço foram a enfermeira Laura Teixeira e a Presidente do Aliança, Marisa Botelho. Ah, não esquecemos a importância da dinâmica da nossa Palhaça de serviço, a Matilde.

Tiveram ainda lugar duas ações de evangelização de rua, uma chamada “Estendal das Boas Ações” e a outra “Siga Jesus”, com a distribuição de 200 livros *A Maior Esperança*.

A diferença deste Projeto em relação a outros está no facto de os participantes terem idades compreendidas entre os 12 e os 80 anos e ajudarem a criar impacto nas pessoas e na igreja que nos convida.

O Grupo de Valença deu um excelente contributo, liderado pelo irmão Roberto. Vários membros locais foram apoiando as diferentes atividades com muito entusiasmo. A culminar a atividade, foi realizada uma Santa Ceia no refeitório da Escola Básica de Valença, precedida por uma cerimónia de Lava-pés no Rio Minho, numa paisagem fantástica, ao pôr-do-Sol.

Aproveitamos para, em primeiro lugar, agradecer ao nosso divino Pai por esta oportunidade de serviço. Agradecemos a cada elemento que se entregou de corpo e alma à missão, ao Pastor Eduardo Teixeira, nosso conselheiro espiritual, que dirigiu, cada dia, uma fantástica mensagem vinda

do Céu, à irmã Laura Teixeira pelos *Workshops* que dirigiu e ao Grupo de Valença pelo acolhimento e pela ajuda nas muitas atividades. Por fim, agradecemos à Autarquia por todo o apoio logístico e financeiro. Agradecemos ao seu Presidente, Dr. José Manuel Carpinteira, aos Vereadores Dr. Arlindo de Sousa e Dr.^a Ana Paula Xavier, e à coordenadora da Ação Social, a Dr.^a Manuela Andrade, coadjuvada pelas demais técnicas.

Por fim, deixamos o testemunho de três jovens que nunca tinham participado numa atividade Aliança.

“Nestes dez dias que passei com o Grupo Aliança, tive a oportunidade de conhecer pessoas incríveis, de viver momentos de pura felicidade, de ajudar o próximo de diferentes maneiras e, acima de tudo, de aproximar-me mais de Jesus. Recomendo vivamente esta experiência única.” – Joana Bernardes.



“Acredito que o Aliança não só faz a diferença em quem é ajudado, como também faz em quem ajuda. Foi uma experiência incrível, em que pude sentir a graça de Deus sobre nós cada dia que passava, e é como o ‘ditado’ diz: ‘Uma vez Aliança, para sempre Aliança.’ Este é apenas o início de muitos mais projetos em que irei participar. Que a família Aliança possa continuar a crescer cada vez mais, perto do Senhor.” – Carolina Bernardo.

“No Aliança podemos viver e aprender como servir Jesus de uma forma inter-geracional e, assim, aproximarmos o nosso caráter do caráter de Cristo. Um dos sentimentos mais fortes é o de estarmos em família, unidos com um único propósito. Que Deus possa capacitar este Grupo para reunir mais pessoas e assim impactar mais vidas.” – Samuel Silva.

Agora aguardamos serenamente que o Espírito Santo nos leve para outra missão no próximo ano. Deus seja louvado!



A visita especial do profeta Daniel

6 dez 2023 | **Ministérios da Criança da IASD do Porto**

No dia 30 de setembro de 2023, a convite dos Ministérios da Criança, tivemos a visita da querida família Aires.

Da parte da manhã, a mensagem foi sobre a importância da educação e foi-nos trazida pelo Pastor Samuel Aires.

O momento mais significativo aconteceu à tarde. Tratou-se de um programa especial dedicado às crianças, com o tema “Daniel Cantado e Contado”, apresentado por todos os elementos da família. A esposa do Pastor Samuel, Rute Mesquita, canta e acompanha à guitarra os seus filhos Raquel e Miguel. As músicas são originais e contam a história de Daniel. O programa contou também com várias atividades para as crianças. É um programa não só musical, mas também interativo e feito em família, para as famílias. As crianças e os adultos presentes gostaram muito! No final, ainda foi oferecido a cada criança um livro feito com todo o carinho pela família Aires. Neste livro, as crianças podem fazer atividades e ainda ler um código QR onde podem ouvir as músicas sobre Daniel, que aprenderam.

A igreja do Porto agradece a presença da família Aires, por nos ter proporcionado um Sábado tão especial!

Maria Rosa Nobre Cavaco da Silva

21 nov 2023 | Francisco Monteiro

Descansa no Senhor Maria Rosa Nobre Cavaco da Silva, esposa do irmão Francisco Monteiro, Colportor-Evangélista. Nasceu a 8 de julho de 1956. Batizou-se em 28 de março de 1971 na Igreja Adventista do Sétimo Dia, tendo a cerimónia sido realizada na igreja de Lisboa-Central. Entrou para a Colportagem em 3 de janeiro de 1979, tendo sido Colportora durante nove anos. Ingressou então na Publicadora Atlântico, mantendo-se, depois, na Publicadora SerVir, trabalhando nesta obra durante 24 anos. Faleceu no dia 4 de janeiro de 2023, no Hospital Amadora-Sintra, vítima de um ataque cardíaco.



Eduardo Pinto Meireles

21 nov 2023 | Carlos Assunção Correia, Departamento de Comunicação da IASD da Feira

Viveu 85 anos. Oriundo de uma aldeia de Vila Pouca de Aguiar, foi muito jovem para Lisboa. De temperamento bastante tranquilo e humilde, mas com sonhos de ter uma melhor condição de vida, emigrou para a Alemanha. Foi lá que conheceu o Evangelho.

Com tristeza e saudade, notificamos o seu falecimento no dia de 14 novembro de 2023. Após doença prolongada, vem o repouso deste nosso querido. Louvado seja o Senhor! Bastantes vezes nos disse: “Se quereis ser santos no Céu, primeiro precisais de ser santos na Terra.” Este irmão amava profundamente a sua família e a Igreja. Acima de tudo, amava Deus.

O seu funeral, oficiado pelo nosso Pastor Luís Ferreira, foi uma oportunidade especial de, mais uma vez, ser ressaltada a preocupação do nosso querido irmão pela sua família: pela sua esposa, Dona Marlene, pela sua irmã, Dona Graça, pelo seu filho, António, e respetiva esposa, e pela sua neta. Refiro também as suas cunhadas, os seus cunhados e os seus sobrinhos. Muito em especial, o cunhado José Carlos Amorim, um amigo especial, que prestou apoio moral, cuidados e assistência no transporte ao nosso querido irmão Eduardo Meireles.

Por todos o irmão Eduardo Meireles nutria afeto e amor. Tinha o desejo de se reencontrar com a sua família aquando da Segunda Vinda de Jesus Cristo. Até lá, que o Senhor nos guarde e nos desperte para nos prepararmos para essa gloriosa vinda. Como este evento não fica muito longe no tempo, é a hora de nos entregarmos ao Senhor Jesus Cristo. Isto não é um adeus, é um até já, pois para os mortos não há tempo. Quando ressuscitarem, terão uma espetacular surpresa – a de estarem salvos para sempre. O que não acontecerá com aqueles que não se entregaram a Cristo. Que a nossa esperança de O ver nesse glorioso dia arda no nosso coração!

Meditações Matinais 2024



COMPRA *ONLINE* WWW.PSERVIR.PT | LIGUE 21 962 62 00
E-MAIL CLIENTES@PSERVIR.PT |  +351 925 896 870